Prosa Poeteiro Verso

Iba Mendes

Literatura

Qorpo Santo

Teatro Completo

Iba Mendes
www.poeteiro.com

Qorpo Santo

Teatro Completo

As relações naturais - Certa identidade em busca de outra - Eu sou a vida; eu não sou a morte - Hoje sou um; e amanhã outro - Mateus e Mateusa - Um assovio - Um credor da Fazenda Nacional - Um parto

José Joaquim de Campos Leão
(1829 — 1883)

"Projeto Livro Livre"

Livro 366

Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1° de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Qorpo Santo: “*Teatro Completo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo, nasceu no dia 19 de abril de 1829, na Vila do Triunfo, Província do Rio Grande do Sul. Foi comerciário, professor público, diretor de colégio, subdelegado de polícia e vereador da Câmara Municipal de Alegrete.

Sua atividade intelectual e artística desenvolveu-se após o aparecimento de certas perturbações, em 1863; a partir desta data, começa o processo que resultaria em sua interdição, sob justificativa de que portava alienação mental. Escreve em 1866, de janeiro a junho, pelo menos 16 das 17 peças de teatro de sua autoria hoje conhecidas; sendo elas: *O hóspede atrevido* ou *O brilhante escondido*; *A impossibilidade da santificação* ou *A santificação transformada*; *O marinheiro escritor*; *Dois irmãos*; *Duas páginas em branco*; *Mateus e Mateusa*; *As relações naturais*; *Hoje sou Um e amanhã Outro*; *Eu sou Vida, eu não sou Morte*; *A separação de dois esposos*; *O marido extremoso* ou *O pai cuidadoso*; *Um credor da Fazenda Nacional*; *Um assovio*; *Certa Entidade em busca de Outra*; *Lanterna de fogo*; *Um parto*; *Uma pitada de rapé*, sendo esta última incompleta.

No ano de 1877, abre uma tipografia e edita os nove volumes de sua *Ensiqlopédia* ou *Seis Mezes de Huma Enfermidade*. Esta obra revelou um autor completamente original, que antecipou, mesmo que não programaticamente, procedimentos formais da poesia e do teatro do século XX, além de reunir crônica, biografia e prosa.

Apesar de ser um homem com certa popularidade e possuidor de alguns bens, Qorpo-Santo teve sua produção artística praticamente ignorada por seus contemporâneos; isso parece se dever em muito às transformações pelas quais o escritor passou. O respeitado professor converteu-se em uma figura extravagante, cheia de manias e com idéias estéticas pouco convencionais para a sociedade do século XIX. É com a transfiguração do pacato José Joaquim de Campos Leão no estranho visionário auto-nomeado Qorpo-Santo que nasce o autor das obras que aqui consideramos. Seus escritos são todos produtos de uma visão de mundo singular que complexamente articula postulados filosóficos, filológicos, teológicos e estéticos, de acordo com a perspectiva de um intelecto ex-cêntrico.

Para entendermos melhor a sua personalidade difícil há de se acrescentar diversas outros aspectos, que ao crescer em sua profissão e desenvolvê-la com muita dedicação, ninguém contava com os percalços da vida que se cristalizaram nas manias, nos vícios e na impertinência, as quais se tornaram marcas suas. De outro modo, a ambição o faz “enlouquecer”. Não que ele

possuísse ambições, mas fora envolvido, como ele mesmo comenta, pelo sentimento de sua mulher. A clausura o faz criar e desenvolver uma obsessão, uma monomania. Diante desse distúrbio ele cria uma nova personalidade ou recupera-a do passado, da infância, mais especificamente, uma experiência que parece muito incomum, mas um fato. Referimo-nos ao "estupro" sofrido (talvez desejado) por sua mãe, tornando-o a personagem de sua própria vida e criação, o misterioso Qorpo-Santo, que criou em torno de si a desculpa da loucura para, possivelmente, só assim, encontrar a liberdade que desejava. Mas, liberdade para quê?

Se não a tinha para se administrar enquanto homem? Liberdade, ao menos, para denunciar como um louco tudo aquilo que a sociedade condenava e que, entretanto, ele próprio se deleitava em fazer.

Este teatrólogo configura-se em um homem que se transformou em um mito, não só pela particularidade de sua história, mas também, pela curiosidade de sua literatura.

Como era de praxe entre os artistas oitocentistas seu falecimento é marcado pela "tísica pulmonar" e pela solidão. Em primeiro de maio de 1883, precisamente aos 54 anos de idade chega a óbito, mas sua morte não encerra as discussões sobre sua vida, nem sobre sua morte, já que seu falecimento também foi envolvido por dúvidas e mistérios.

Referências Bibliográficas:
1. Douglas Ceccagno: "Ovelhas merinas: malditas feras: O imaginário social no teatro de Qorpo-Santo". Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS, 2006.
2. Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja: "Olhares caleidoscópicos do teatro de Qorpo-Santo". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém/PA, 2006.
3. Maria Clara Gonçalves: "Percorrendo o universo de devaneios, distorções e dualidades: considerações acerca da dramaturgia de Qorpo-Santo". Dissertação de Mestrado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis/SP, 2001.

ÍNDICE

Eu sou a vida; eu não sou a morte..... 1
As relações naturais..... 10
Um parto..... 23
Mateus e Mateusa..... 37
Certa identidade em busca de outra..... 48
Hoje sou um; e amanhã outro..... 53
Um credor da Fazenda Nacional..... 63
Um assovio..... 69

EU SOU A VIDA; EU NÃO SOU A MORTE

COMÉDIA EM DOIS ATOS

PERSONAGENS:

LINDO
LINDA
RAPAZ
MANUELINHA, *FILHA DE LINDA*

ATO PRIMEIRO

Lindo e Linda

LINDA (cantando)
Se não tiveres cuidado,
Algum Cão danado
Te há de matar;
Te há d'estraçalhar!

LINDO
Eu sou vida;
Eu não sou morte!
E esta minha sorte;
É esta minha lida!

LINDA
Ind'assim, toma sentido!
Vê que é tudo fingido;
Não creias algum louvor:
Sabei: - Te trará dor!d

LINDO
Se desrespeitará
A vida minha?
A desse, asinha,
- Ao ar voará!

LINDA
Não te fies, meu Lindinho,
Dos que te fazem carinho,
Crê que te devoram
Os lobos; e não coram!

LINDO
Sabei, ó Lindinha:
Os que me maltratam
A si se matam:
Tu ouve; Anjinha!?

LINDA - Meu Lindo, tu sabes quanto te amo! Quanto te adoro! Sim, meu querido amigo, quem melhor conhece do que tu o amor que neste peito mortal, mas animado por esta alma *(pondo a mão na testa)* imortal, te consagro!? Ninguém, certamente. *(Pegando-lhe na mão.)* Adoças-me pois sempre com tuas palavras; com teus afetos; com teu amor ainda que fingido! Sim, meu querido amigo, bafeja-me sempre com o aroma de tuas palavras; com o perfume de tuas expressões! Sim, meu querido, lembra-te que hei sido baixel, sempre batido das tempestades, que por cinco ou seis vezes quase há soçobrado; mas que por graça Divina ainda viaja nos mares tempestuosos da vida!

LINDO - Ah! minha adorada prenda, tu que foste a oferenda que me fez o Criador, em dias do mais belo amor, que pedes? Como pedes àquele que tanto te ama; mais que à própria cama?

LINDA - Há! há! há! meu queridinho; quanto me deste; quanto me felicitaste com as maviosas expressões desses teus bofes, ou pulmões - envoltórios dos corações!

LINDO - Estimo muito. E eu não sabia que tu tinhas o dom de adivinhar que sempre que vou apalpar, sinto bater neste peito - pancadas de ambos os lados; isto é, do esquerdo e direito. O que por certo convence que neste vácuo estreito abrigo dois grãos corações.

LINDA - Há! há! há! Eu não digo *(à parte)* que este figo me foi enviado por cão danado? Quer me fazer crer que tem dois corações. *(A ele:*) Amiguinho, ainda não sabes de uma cousa. Queres saber? Eu vô-la digo Hem? não responde!

LINDO - O que é; o que é, então!!?

LINDA - Ora *o* que há de ser! Ê que tu tens dois corações dentro do peito, eu tenho duas cabeças por fora dos largos seios.

LINDO - Tu és o diabo! Ninguém pode contigo! És tripa que nunca se enche, por mais que dentro se lhe bote. És vasilha que não chocalha. És... o que eu não quero dizer, porque não quero que se saiba.

LINDA - Pois já que me fazes comparações tão sublimes, eu também vou te fazer uma de que muito te deves agradar. Sabes qual é, não? Pois eu te digo: és o diabo em figura de homem! És... és... *(atirando com as mãos e caminhando de um para outro lado)* és... és! és! E então, que mais queres!? Quero comparações mais bonitas; mais finas; delicadas; e elevadas; ao contrário, ficaremos - figadais inimigos. Tem entendido, Sr. Sultãozinho? Pois se não tiver entendido, entenda!

LINDO - Bem. Vou fazer-lhe as mais mimosas que à minha imaginação abundante, crescente, e algumas vezes até demente - ocorrem! Lá vai uma: A Sra. é pêra que não se come!

LINDA - Essa não presta!

LINDO - *(batendo na testa)* É preciso arrancar desta cabeça, ainda que seja com - algum gancho de ferro – uma comparação que satisfaça a esta mulher; ao contrário é capaz de...

LINDA - E não se demore muito com as suas reflexões! Quero a comédia.

LINDO - Qual comédia, nem comédia! O que me comprometi a fazer-lhe foi comparação bonita; e não comédia. Espere, portanto. *(Torna a bater na cabeça, mais no crânio. À parte:)* Já que da testa não sai, vejamos se tiro do crânio! Ah! sim; agora aparece uma; e que bela; que interessante; que agradável; que bonita; que delicada; que mimosa - é a comparação que vou fazer da Sra. D. Linda! ~ mesmo tão linda como ela! Tão formosa, como a flor mais mimosa! Tão rica, como a jorrosa bica! Tão fina, como a ignota si na! Tão... tão... tão... Quer mais? Quer melhor? não lhe dou; não lhe faço; não quero! *(A correr em roda dela:)* Não lhe dou; não lhe faço; não lhe dou; não lhe faço; não quero; não posso; já disse. *(Repete duas vezes esta última negativa.)*

LINDA - Este menino é o diabinho em figura humana! Dança, salta, pula, brinca... Faz o diabo! Sim, se não é o diabo em pessoa, há ocasiões em que parece o demônio; enfim, o que terá ele naquela cabeça!? *(Lindo medita em pé* e *com uma*

mão encostada no rosto.) Pensa horas inteiras, e nada diz! Fala como o mais falador, e nada expressa! Come como um cavador, e nada obra! Enfim, é o ente mais extraordinário que meus olhos têm visto, que minhas mãos têm apalpado, que meu coração tem amado!

LINDO - Senhora: vou me embora *(Voltando-se rapidamente para ela, com aspecto muito triste, e salpicado de indignação:)* Vou; vou, sim! Não a quero mais ver; não sou mais seu!

LINDA - (com sentimento) Cruel! Tirano! Suíço! Lagarto! Bicho feio! Mau! Onde queres ir?
Por que não te casas, inda que seja com uma negra quitandeira?

LINDO - Também eu direi; Cruel! Ingrata! Má! Feia! Por que não te ligas ainda que seja a um preto cangueiro?

(Entra um rapaz todo paramentado, bengala, óculos, etc.)

O RAPAZ - *(para um,* e *depois para a outra)* Vivam, madamas; mais que todos!

LINDO - *(pondo-lhe as mãos, e empurrando)* O que quer pois aqui!? Não sabe que esta mulher é minha esposa!?

O RAPAZ - Dispense, eu não sabia! *(Voltando-se para Linda:)* Mas Sra., parece-me...

LINDA - O que mais?! Não ouviu já ele dizer que sou mulher dele!? O que mais quer agora?
Agora fique solteiro, e vá casar com uma enxada! Não quer acreditar que não há direito; que ninguém faz caso de papéis borrados; que isso são letras mortas; que o que serve, o que vale, o que dá direito – é a aquisição da mulher!? Que quem se pega com uma, essa tem, e tudo o que lhe pertence! Sofra agora no isolamento, e na obscuridade! Seja solitário! Viva para Deus! Ou meta-se num convento, se quiser companhia. Não vá mais à reunião de outros homens.

O RAPAZ *(muito admirado)* Esta mulher está doida! Casou comigo o ano passado, foram padrinhos Trico e Trica; e agora fala esta linguagem! Está; está! Não tem dúvida!

LINDO - Já lhe disse *(muito formalizado)* que fiz esta conquista! Agora o que quer?!
Conquistei - é minha! Foi meu gosto: portanto, safe-se, senão o mato com este

estoque!
(Pega em uma bengala e arranca um palmo de ferro.)

LINDA - Não precisa tanto, Lindo! Deixai-o cá comigo... Eu basto para nos deixar tranquilos!

O RAPAZ - O Sr. tem estoque, pois eu tenho punhal e revólver! *(Mete a mão na algibeira da calça, puxa e aponta um revólver.)* Agora, de duas uma: ou Linda é minha, e triunfa o Direito, a Natureza, a Religião ou é tua, e vence a barbaria, a natureza em seu estado brutal, *e* a irreligião!

LINDA - *(para o rapaz)* Mas eu o não quero mais; já o mandei para o leilão três vezes! Já o vendi em particular quinze! Já o aluguei oito! E já o libertei, seguramente por dez vezes! Não quero nem vê-lo, quanto mais tê-lo!

(O rapaz, gaguejando, querendo falar, e sem poder.)

LINDA - Até a voz de sabiá, lhe tiraram! Até o canto de gaturama, lhe roubaram! E ainda quer se meter comigo!

O RAPAZ - *(fazendo trinta mil caretas para falar,* e *sem poder; ultimamente, desprende as seguintes palavras:)* Ah! Mulher! mulher! diabo! diabo! *(Atira-se a ela,* o *revólver cai no chão; passa a derramar lágrimas, com os braços nos ombros dela, por espaço de cinco minutos.)*

LINDO - *(querendo levantar* o *revólver, que estava perto do pé do rapaz; este dá-lhe um couce na cara.)* Safa! Pensei que a mulher já o tinha matado com o abraço, metendo-lhe nas entranhas todo o veneno da mais venenosa cascavel; e ele ainda dá ares de vida, e de força, pregando-me na cara a estampa de seus finos pés! - um morto que vive! Bem dizia certo médico que era capaz de conservar vivo um cavalo depois de morto, por espaço de oito meses, sempre a andar; e creio que até a rinchar! - Demo! *(Atirando com a bengala.)* Não quero mais armas!

O RAPAZ E LINDA - (desprendem-se dos braços um do outro; desce então uma espécie de véu, de nuvens, sobre os dois. Lindo quer abrigar-se também, e não pode: chora; lamenta; pragueja. Levanta-se rapidamente a nuvem, torna a descer sobre os três; mas separando aquele. Ouve-se de repente uma grande trovoada; vêem-se relâmpagos; todos tremem, querem fugir, não podem. Gritam:) Punição Divina! (E caem prostrados de joelhos.)

SEGUNDO ATO

CENA PRIMEIRA

(Uma jovem *vestida de negro com uma menina por diante. Atravessa um cavalheiro.)*

A JOVEM - *(para este)* Senhor! Senhor! por quem sois, dizei-me onde está o meu marido, ou meu esposo, o meu amigo! *(O cavalheiro embuçado numa capa desembuçando-se)* Esquecestes que ainda ontem aqui o assassinastes com os horrores de tuas crueldades!?

ELE - Mulher! tu me conheces! Sabes quem sou, ou não sabes? *(À parte:)* Pérfida, cruel, ingrata! Vê seu marido diante de si, e apresenta-se a ele vestida de negro, luto que botou por sua morte.

ELA - *(afastando-o com as mãos, como querendo fugir)* Quem sois vós, ingrato, que assim me falais!?

ELE - Ainda perguntas. *(Sacudindo a cabeça.)* Ainda respondes. Quem sou eu? Desconheces o Lindo, teu afetuoso consorte, e ainda perguntas?!

ELA - Tirano! Foge de minha presença! Desprezaste os meus conselhos, não quiseste ouvir-me, e queixas-te. Bárbaro! Cruel! Eu não te disse que te não fiasses de pessoa Alguma! Por que te fiaste!?

ELE - E tu, Maga Circe: para que me iludiste! Para que me disseste que eras solteira, quando é certo eras casada com o mais belo rapaz!?

ELA - Eu... eu... não disse: mas você... não ignorava; bem sabia que eu era mulher de seu primo! Ignorava? Penso que não! Para que me botou fora! Para que me procurou?

ELE - Não sei onde estou, não sei onde me acho, não sei o que faça. Esta mulher *(atirando-se, como para agarrá-la)* é o demo em pessoa; é o ente mais admirável que eu tenho conhecido! É capaz de tudo! Já não digo de revolucionar uma província, de pôr em armas e mesmo de destruir um Império! Mas de revolucionar o mundo, de fazer, de converter os grãos em terras e as terras em águas; de, se tal tentasse, fazer do globo que habitamos - peteca!

ELA - É muito exagerado. Que atrevido conceito de mim forma! Que audácia! Nem ao menos quer ver que fala diante de uma filha de nove a dez anos!

ELE - Que fazeis por estas paragens, onde não vos é mais dado vir, porque já vos não pertencem?!

ELA - *(com ar satírico* e *mordaz)* Procuro-vos, cruel.

ELE - Sim: procuras-me para de novo cravar-me o punhal da traição! És bem má... és muito má!

A MENINA - Papai! *(Aproximando-se dele.)* Que tem? Está doente? Me conte: - o que lhe aconteceu? O que foi? Diga, Papai) diga, diga! Eu o curo, se estiver doente. E se não estiver, a Mamãe há de curar!

ELE - *(tomando a menina nos braços; abraçando-a e beijando-a)* Minha querida filha! Quanto adoçam a minha existência tuas ternas e maravilhosas palavras! Quanto transformam os furores de meu coração, as doçuras de tuas meigas expressões. *[Para ambas:]* Quanto apraz-me ver-vos! *[Para a menina:]* Ah! sim! Tu és o fruto de um amor... Sim, és! Tua mãe, sem que eu soubesse, depois casou; procurou juntar-se a mim... iludia-me! Mas, querida filha, sinto uma dor neste peito. *(Desprendendo-se da filha.)* Este coração parece traspassado de dor. Esta alma, repassada de amargura. Este corpo, um composto de martírios! Céus...
(Arrancando os cabelos) eu tremo! Vacilo!...

ELA - Célebre cousa! Quem havia de supor que este pobre homem havia de ficar no mais deplorável estado! Seu juízo é nenhum! Sua vista... não tem; é cego! Seus ouvidos, não têm tímpanos; já não são outra cousa mais que dois formidáveis buracos! Que hei de eu fazer dele!?
(Entra o Rapaz armado, vestido de militar, e com a mão no punho da espada)

O RAPAZ - Hoje decidiremos (à *parte)* quem é o marido desta mulher, embora esta filha fosse fabricada pelo meu rival. *(Desembainha a espada e pergunta para* o *rival:)* A quem pertence esta mulher? A ti que a roubaste... que lhe deste esta filha? Ou a mim que depois com ela liguei-me pelo sangue; pelas Leis civis e eclesiásticas, ou de Deus *e* dos homens!? Fala! Responde! Ao contrário, varo-te com esta espada!

LINDO - Ela quis; e como a vontade é livre, não podeis ter sobre ela mais direito algum!

O RAPAZ - Em tal caso... e se ela amanhã disser que não quer? E se o mesmo fizer no dia seguinte para com outro? Onde está a ordem, a estabilidade em tudo que pode convir às famílias *e* aos Estados!? Onde iríamos parar com tais doutrinas!? O que seria de nós? de todos!?

LINDO - Não sei. O que sei é que as vontades são livres; e que por isso cada qual faz o que quer!

O RAPAZ - Pois como as vontades são livres e cada qual faz o que quer; como não há leis, ordem, moral, religião!... Eu também farei o que quero! E porque esta mulher não me pode pertencer enquanto tu existires - varo-te com esta espada! *(Atravessando-o com a espada; há aparência de sangue.)* Jorra o teu sangue em borbotões. Exausto o corpo, exausta a vida! E com ela todas as tuas futuras pretensões e ambições! Morre *(gritando* e *arrancando a espada),* cruel! e a tua morte será um novo exemplo - para os Governos; e para todos os que ignoram que as espadas se cingem; que as bandas se atam; que os galões se pregam; não para calcar, mas para defender a honra, o brio, a dignidade, e o interesse das Famílias! A honra, o brio, a dignidade, a integridade Nacional!
(Lindo cai sobre um cotovelo; a mulher cobre-se com um véu e fica como se estivesse morta; a menina olha admirada para tão triste espetáculo.)

O RAPAZ *(voltando-se para a mãe* e *a filha)* De hoje em diante, Senhora, quer queiras, quer não, serás minha mulher, consorte, esposa! ~ tu, minha querida menina, continuarás a ser a mimosa dos meus olhos, a flor que aromatiza; a santa que me diviniza! Eis como Deus ajuda a quem trabalha! Depois de milhares de trabalhos, incômodos, perdas e perigos! Depois de centenas de furtos; roubos; *e* as mais negras atrocidades! Depois de uma infinidade de insultos; penas; crueldades; o que não pude vencer, ou fazer triunfar com a pena, razões, discursos, acabo de fazê-lo com a espada!
(Estende esta; e *assim deve terminar o Segundo Ato; e mesmo findar a comédia, que mais parece - Tragédia.)*

Maio 16 de 1866.

***

Já se vê pois que a mulher era casada, foi antes deflorada, depois roubada ao marido pelo deflorador, etc.; que passado algum tempo encontrou-se e juntou-se a este; que o marido sentou praça como oficial; e finalmente que para reaver sua

legítima mulher, foi-lhe mister dar a morte física ao seu primeiro amigo, ou roubador.
São portanto as figuras que nela entram:
Lindo, *roubador.*
Linda, *mulher roubada.*
Rapaz ou Japegão, *legítimo marido.*

AS RELAÇÕES NATURAIS

COMÉDIA EM QUATRO ATOS

PERSONAGENS

IMPERTINENTE
CONSOLADORA
INTÉRPRETA
JÚLIA,
MARCA E
MILDONA - MULHERES DA VIDA
UM INDIVÍDUO
TRUQUETRUQUE
MARIPOSA
INESPERTO, CRIADO
MALHERBE
RAPAZES

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

IMPERTINENTE - Já estava admirado; e consultando a mim mesmo, já me parecia grande felicidade para esta freguesia o não dobrarem os si..... E para eu mesmo não ouvir os tristes sons do fúnebre bronze! Estava querendo sair a passeio; fazer uma visita; e já que a minha ingrata e nojenta imaginação tirou-me um jantar, pretendia ao menos conversar com quem m'o havia oferecido. Entretanto não sei se o farei! Não sei porém o que me inspirou continuar no mais improfícuo trabalho! Vou levantar-me; continuá-lo; e talvez escrever em um morto: talvez nesse por quem agora os ecos que inspiram pranto e dor despertam nos corações dos que os ouvem, a oração pela alma desse a cujos dias Deus pôs termo com a sua Onipotente voz ou vontade! E será esta a comédia em 4 atos, a que denominarei - *As Relações Naturais.*
(Levanta-se; aproxima-se de uma mesa; pe*ga uma pena; molha* em *tinta;* e começa a *escrever:)*
São hoje 14 de maio de 1866. Vivo na cidade de Porto Alegre, capital da Província de S. Pedro do Sul; e para muitos, - Império do Brasil... Já se vê pois que é isto uma verdadeira comédia! *(Atirando com a pena, grita:)* Leve o diabo esta vida de escritor! É melhor ser comediante! Estou só a escrever, a escrever;*e* sem nada ler; sem nada ver *(muito zangado).* Podendo estar em casa de alguma bela gozando, estou aqui me incomodando! Levem-me trinta milhões de diabos para o Céu da pureza, se eu pegar mais em pena antes

de ter... Sim! Sim! Antes de ter numerosas moças com quem passe agradavelmente as horas que eu quiser. *(Mais brabo ainda.)* Irra! Irra! Com todos os diabos! Vivo qual burro de carga a trabalhar! A trabalhar! Sempre a me incomodar! E sem nada gozar! - Não quero mais! Não quero mais! E não quero mais! Já disse! Já disse! E hei de cumpri-lo! Cumpri-lo! Sim! Sim! Está dito! Aqui escrito (pondo *a mão na testa);* está feito; e dentro do peito! *(Pondo a mão neste.)* Vou portanto vestir-me, e sair para depois rir-me; e concluir este meu útil trabalho! *(Caminha de um para outro lado;* coça *a cabeça; resmunga; toma tabaco* ou *rapé;* e *sai da sala para um quarto; veste-se; e sai o mais jocosamente* que e *possível.)* Estava*(ao aparecer)* eu já ficando ansiado de tanto escrever, e por não ver a pessoa que ontem me dirigiu as mais afetuosas palavras! *(Ao sair, encontra uma mulher ricamente vestida, chamada Consoladora.)*

CENA SEGUNDA

CONSOLADORA - Onde vai, meu caro Sr.? Não lhe preveni eu de que hoje teria em seu palácio a mais bela das damas de São...

IMPERTINENTE - Ora, ora, Sra. Não vê que eu já estou aborrecido das mulheres! *(À parte:)* É preciso dizer-lhe o contrário do que penso! Como a sra. se abalança ainda a falar em damas na minha presença!? Só se são damas de folgar... São?

CONSOLADORA (*mostrando-se indignada, e batendo um pé no assoalho)* Bárbaro! Cruel! Não vives a pedir uma mulher jovem, formosa, asseada *e* bela para tua companhia?! Pensas que ignoro o que pensas; o que fazes!? Não vês; não sabes; não conheces que sou mágica!? Atrevido! Não te lembras que ainda ontem ou anteontem olhaste para mim, e achaste que eu era no Céu o mais lindo, o mais belo e mais agradável planeta que lá habitava? Não me pediste que eu guiasse teus passos; tuas ações; tuas palavras, Audaz! Pensas que eu não sei que ias atrás de mulheres! Para que queres mulher!? Não vives tão bem, não comes, não bebes, não dormes tão descansado?!

IMPERTINENTE - *(virando-se para o público)* Já se viu que sarna gálica me atormenta! Cruzes! *(Benzendo-a.)* Cruzes! Eu te desconjuro!

CONSOLADORA - Já disse: o Sr. não sai daqui! *(Pega uma cadeira* e põe *perto da porta* de sair.)

IMPERTINENTE - Senhora, se continua deste modo, fique certa que me mato! É preciso ter juízo! Ao contrário, nem serei eu, nem a Sra. minha!

CONSOLADORA - Ah! *(levantando-se)* Sim: quer ir! Pois vá; mas há de ir sem casaca! (Avança-se a ele, e *tira-lhe* a casaca; *ficando ele de sobre-casaca).*

IMPERTINENTE - Ah! Ainda deixa-me a sobrecasaca! Pois irei com ela *(Faz uma cortesia a*

ela e quer sair.)

CONSOLADORA - Sim! Ficou ainda vestido! Pois há de ir sem chapéu. *(Avança-se* a *ele para o tirar;* e *depois de alguns saltos, consegue fazê-lo; fica-lhe um boné de forma piramidal. Olha, e diz:)* Este homem é o diabo! Tiro-lhe as calças... *(Vai dirigir-se para tal fim; ele agarra com uma mão em cada perna;* e *sai aos pulos dizendo:)* Se és planeta, eu sou cometa!

CONSOLADORA - *(muito triste)* E não foi o tal cometa brilhar noutro hemisfério! Nunca mais atendo às petições de amparo, guia, ou proteção a mais cometa algum.

CENA TERCEIRA

(Entra ele com uma menina de 16 anos a quem *conhecemos por* Interpreta *pelo braço.)*

IMPERTINENTE - *(para ela, ao transpor a porta)* Cuidado! Não se pise nestes tapetes, que já estão um tanto velhos! *(Para o público, andando para a frente:)*Já se vê que a escolha que fiz hoje, e que pretendo fazer de uma em cada mês, é a... *(Para ela:)* Digo? Digo?

INTÉRPRETA - Se quiser, pode dizer!

IMPERTINENTE - É uma das melhores que se podia encontrar nos maiores rebanhos desta...

INTÉRPRETA - Pois chama rebanhos às famílias que habitam esta cidade!?

IMPERTINENTE - Pois o que é mais triste que um grande rebanho de ovelhas merinas!?

INTÉRPRETA - Eu sempre considerei de outro modo: sempre entendo que a mulher como o homem é um ente que deve ser por todos respeitado, como a segunda primorosa obra do Criador; *e* que assim não sendo, só milhares de males e transtornos se observarão na marcha geral da humanidade!

IMPERTINENTE - Há! Há! Há! A menina está no mundo da lua! Ainda crê nas caraminholas que lhe encaixam na cabeça, de seu avô torto, visto que segundo as últimas participações espirituais que tivemos, o direito há muito que é morto!

INTERPRETA - *(à parte)* Em que caí eu, acompanhando este mono! Isto, é um monte de carne, sem lei, sem moral, sem religião! Mas ainda é tempo! Quando menos pensar, desapareço de sua presença, como a escuridão ao brilhar da lua! Não me logras, velho enjoado!

IMPERTINENTE - *(para ela)* Minha queridinha! Temos aqui um quarto cheio de

roupa! *(Apontando)* Ali um outro repleto de comestíveis! Acolá um guarda-louça; naquele canto a cozinha.

INTERPRETA - *(aproximando-se; olha; e nada vê; voltando-se para ele)* Sabes que mais? Eu nunca me sustentei de palavras, e muito menos de mentiras!*(Sai.)*

IMPERTINENTE - *(querendo pegá-la)* Meu anjo! Minha deusa! Aonde vai! Venha cá!

INTERPRETA - Já lhe disse: vou-me embora; e aqui não entro mais; o Sr. enganou-me: quis enganar-me; mas enganou-se a si próprio! *(Sai)*

IMPERTINENTE - *(voltando-se)* É a trigésima, vigésima e décima vez que me prega estes carões! Diabo! Diabo! e Diabo!

ATO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

TRUQUETRUQUE - *(batendo em uma porta)* Estará ou não em casa? A porta está fechada não vejo *(vigia no buraco da chave)* se é por dentro se é por fora que está a chave; o caso *é (dando com a cabeça),* e verdadeiro, que a Sra. D. Gertrudes Guiomar da Costa Cabral Mota e Melo, se está é às escuras! Sem dúvida a esta hora, noite de teatro, noite de retreta, noite de novena, não é possível deixar de ter ido a alguns destes divertimentos: se à Igreja, já se sabe - por devoção! Se ao Templo, por oração! E finalmente, se... não digo *(Caminhando para o centro).* Para que hei de mostrar *(abrindo os braços)* que sou um grande dialeta, retórico, filósofo! Etc. Etc. Pode ser que ficassem depois com inveja; e em vez de alimento para eu continuar a brilhar com o meu grande talento a todo o momento, darem-me envenenamento! Com o qual eu, muito contra a minha vontade e vontade santíssima! possa ir fazer a viagem... eterna ao fundo de algum dos maiores infernos que lá por baixo da terra devem existir! Ainda se me metessem aqui, e eu saíra lá no ponto oposto onde habitam os nossos... também não sei se são nossos, ou se são só meus! *(Para o público:)* Como chamam estes cujos pés fazem... quando estão lá em pé têm as solas dos sapatos, se não andam de botas, voltadas para a sala dos nossos? Hein? Anfíbios, não! Isto é cousa que anda no mar, e em terra! Hermafroditos! não; isto também é outra cousa, é o que é macho e fêmea! Cabrito não é. Não me posso lembrar. Enfim dizia eu que se lá fosse habitar quando entre na terra com esses cujos pés estão virados para os nossos, que teria muito prazer; mas como é de supor que a minha habitação por envenenamento seja a mais completa e trivial destruição - declaro que não aceito, que não quero; que não concordo!

CENA SEGUNDA

Abre-se de repente uma porta; aparecem por ela, e *por diversas outras, três ou quatro mulheres, umas em saias, outras com os cabelos desgrenhados; pés no chão, etc.*

UMA DELAS - *(para um indivíduo)* - Que quer o Sr. aqui?

OUTRA - (puxando-o por um braço) O que faz?

OUTRA - Quem o mandou cá?

OUTRA - Não sabe que sempre foi um homem honesto quanto a... e que nós somos todas prostitutas!? É um tolo! Safe-se daqui para fora, Sr. maroto! Senão, olhe *(mostrando-lhe o punho)* - havemos de esmurrá-lo com esta mão de pilão!

ELE - Minhas santinhas; *(com muita humildade)* minhas santinhas, eu queria dormir com vocês esta noite.

ELAS - *(dando uma grande gargalhada)* Ah! ah! ah!

UMA (para outra) Não queres ver, Mana, o desaforo, a petulância deste estúrdio!? Querer passar conosco a noite, quando nós sabemos que ele é conde e tem filhos carnais!

OUTRA - Ah! ah! ah! Se fossem só os carnais era nada *(batendo no ombro da que primeiro fala) - os* espirituais é que é; que não têm conta.

OUTRA - Ele já está esquecido que os discípulos o fizeram padre eterno; e que por isso não deve tocar em carne.

OUTRA - *(apontando com o mostrador) Já,* seu maroto, rua! senão...

ELE - Isto é o diabo! Estas mulheres chamam-me com o espírito quando estou em casa; e quando saio à rua, com as palavras, com as mãos, com os dedos, com a cabeça, com os olhos, e se as encontro fora, então é até com seus remexidos! Mas se lhes venho à casa, é isto que se vê! Cruzes! *(Cuspindo em todas elas.)* Abrenúncio! Eu as desconjuro para nunca mais as ver! Não olharei mais para estas tigras! *(Sai.)*

CENA TERCEIRA

UMA DELAS - *(Olhando-se)* Ora; ora; ainda agora é que reparo! Estou quase em fraldas de camisa! Vejam este maluco como me pôs também maluca!

OUTRA - *(alisando os cabelos)* E eu com os cabelos todos desgrenhados! Se ele cair em vir cá outra vez, hei de enforcá-lo com uma destas tranças, e pendurá-lo no vácuo deste salão.

OUTRA - E que bonito ele há de ficar, mana, se qual lontra aqui o pusermos! Havemos de enche-lo de livros; será... - um centro! Como um sol que dardejará seus raios para todos os cantos desta casa, para todos os cantos do hemisfério que alumia!

OUTRA - Mas isto é dar muita importância a esse Judas, fazê-lo centro de tudo.

AS PRIMEIRAS - O que tem? Esse diabo já o tem sido de luz espiritual, agora que o seja também de luz material!

UMA DELAS - Sabem o que mais? - Vamos vestirmo-nos e pôr-mo-nos às janelas à espera de vermos os nossos namorados!

TODAS - Apoiado! Não percamos nossos costumes por causa de um maluco! Vamos! Vamos! *(Entram* todas *para os quartos d'onde saíram.)*

CENA QUARTA

VELHA MARIPOSA - *(entrando toda cheia de dengosidade, pegando os vestidos como quem quer dançar,* e *comete outros numerosos atos, que indicam a pregoeira gaiata da presente época)* Ainda há cinco minutos, era esta sala um teatro de moças quase nuas! Acompanhadas de certo individuo de meia idade, que parece mais um velho bem doente, que um homem são, valente e cheio de... certa cousa... certa força que eu não quero dizer, porque não é tão decente como convém a tão ilustre assembléia! *(Olhando para diversos lados.)* Onde estão estas meninas? Júlia! Júlia!

JÚLIA - Sra.? Sra.?

MARIPOSA - Vem cá, menina! Chama as tuas irmãs!

JÚLIA - Ora, Mamãe; eu ainda não estou vestida!

MARIPOSA - Entra, chama uma das tuas Irmãs!

JÚLIA - Está bom, Mamãe; eu já vou.

MARIPOSA - Muito custa a criar filhas! Ainda mais acomodar; muito mais casar; e ainda pior aturá-las! Pilham-se moças, e o que querem é namorar!

JÚLIA - *(entrando* e *sacudindo os vestidos)* Acabava eu agora mesmo...

MARIPOSA - Já sei; acabas de... Basta; não prossigas! Tu és, eu sei o quê!

JÚLIA - *(pondo as mãos)* Por piedade, minha querida Mãe! Não faça de mim o menor mau juízo! Sabe que sempre fui uma de suas melhores filhas, obediente e respeitosa, e mais que tudo - amorosa!

MARCA - *(irmã de Júlia, entrando mui ligeiramente, ou fazendo alguns passos de dança até chegar perto da Mãe; ao chegar, ajoelha-se, pega-lhe na mão* e *beija-a)* Minha - mais que todas as mulheres, Querida Mãe! Eis-me prostrada a seus pés, para pedir-lhe perdão de quantos pecados hei cometido, ou guisados hei comido! Perdoa, Mamãezinha, perdoa, sim?

MARIPOSA - Sim; sim. Está perdoada; pode levantar-se. Mas não torne a cair em outra! Eu conheço seus crimes.

MARCA - *(levantando-se)* Sim; sim. Quanto sou feliz! A minha querida mãe quanto é boa! Ainda pela quinta vez quis perdoar à sua mais desobediente, cruel, ou mesmo - tirana filha!

MARCA - Eu não sei deles. Vossa Mercê bem sabe que moro sozinha no meu quarto; a mana é que há de saber!

MARIPOSA - Onde estão? Não me diz? Ainda não me vieram tomar a bênção, sendo entretanto mais de oito horas! *(Entram os outros filhos.)*

ELES - *(estendendo as mãos)* Sua bênção, minha Mãe.

MARIPOSA - *(fazendo sinal com a* mão) Deus abençoe a todos, que eu o faço em particular a cada um. Sim, meninas, são horas de missa; vamos cobrir nossos véus, e sigamos a orar ao Senhor - por nós e por nossos avós!

TODOS - Prontos a obedecê-la, a segui-la. *(Saem todos).*

ATO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

INESPERTO - *(criado)* Por mais que arrume *(atirando com uma bota para um lado; com um livro para outro; com uma bandeja no chão; com um espanador para um canto; e assim com tudo* o *mais que se achava arrumado),* sempre encontro esta sala, este quarto, ou como *o* quiserem chamar... câmara, dormitório, ou não sei que mais - desarrumado! Nada, nada, isto não pode continuar assim! Ou hei de deixar de ser criado desta casa, ou as cousas hão de conservar-se nos lugares em que eu arrumo! São honras que a ninguém eu cedo... O que porém é mais notável é que além de me não respeitarem, nem obedecerem - não pagam-me também nem a quinta parte dos salários comigo

contratados! Mas nada me hão de ficar a dever! Quando retirar-me, hei de levar o dobro do que houver licitamente ganho, a fim de que paguem-me os prêmios, pois não estou resolvido a perdê-los!

CENA SEGUNDA

MALHERBE - *(amo muito espantado, entrando)*
Que é isto, Judas!? Enlouqueceste-o, Inesperto? Onde está tua Ama?

INESPERTO - Qual enlouqueci... Todos os dias arrumo esta casa; e em todos os dias nela acho que arrumar; e ainda pergunta-me por minha ama, mulher feia, velha e má! Se há de ainda ir ver as moças, este tagarela, é isto todos os dias... Ainda coisa mais mol, mais ruim, que este meu amo *(para o amo, dando com a mão):* Vá-se embora daqui para fora, senão - o matam, seu Judeu Errante!

MALHERBE - Este diabo está hoje com o demo nas tripas!... Ó Judas, dize-me: *o* que comeste hoje? Bebeste vinho? champanha, vinagre, água-forte? Que diabo tens tu hoje? Estás bêbado?

INESPERTO - Qual bêbado, nem meio bêbado: nunca estive eu em meu tão perfeito estado de juízo ou de mais completa saúde!

MARIPOSA - *(entrando)* Ih!... que espalhafato fez o Judeu hoje! *(Querendo arrumar tudo; para o marido:)* Senhor, tome juízo; despeça esse maldito, que não faz senão o que está vendo! O Sr. parece-me cego. Embalde *(metendo os dedos nos olhos do marido)* tem dois fogões nesta cara; tu não enxergas.

MALHERBE - Tu, teu criado, e tuas filhas, não são entes da espécie humana.São malditas feras que aqui habitam para flagelar-me! *(Para ambos:)* Fora daqui! Se demoram pego em tudo isto *(agarrando as mesas)* e penduro quais rosários nas cabeças de vocês dois!.

MARIPOSA - *(para o criado)* Sabes o que convém fazer: é safarmo-nos! O homem hoje está resoluto a matar, ou
mostrar-nos que é Senhor desta casa.

INESPERTO - Diz bem, minh'ama; vamos nós saindo em boa paz! *(Enfia o braço na ama.)* É melhor - velha, feia, má, que nenhuma! *(Abanando com a mão.)*Adeus, Sr. estúrdio! Adeus, até mais ver! *(Saem.)*

CENA TERCEIRA

MALHERBE - *(só)* 'Estes diabos têm tentado devorar-me por todos os modos! Mas eu os

hei de pôr no estado o mais deplorável que se pode imaginar! Deixemos, deixemos; eles para cá hão de vir *(dando alguns passeios, coçando* a*barba, compondo* o *cabelo etc.)*

MILDONA - *(entrando)* Que saudades eu tinha de meu querido Pai!

MALHERBE - Ah! és tu, minha querida Mildona? Quanto é doce vermos feitos de nossos trabalhos de longos anos!? Um abraço, minha estimadíssima, minha mesmo queridíssima filha!

MILDONA - O Sr. não reparou bem; eu não sou a sua encantadora filha; mas a jovem a quem o Sr. em vez de amizade, sempre há confessado tributar amor!

MALHERBE - Ah! onde estava eu!? Sonhava; pensava em ti; via, e não te enxergava! Sim, sois minha; és minha; e serás sempre minha por todos os séculos dos séculos, Amém! *(Saem.)*

CENA QUARTA

O CRIADO - *(entrando, pé-ante-pé)* Amolei tudo! Não pensem que farão espadas, facas, punhais, ou lanças! Mas os amáveis que desprezando todos os direitos dos cidadãos brasileiros, matavam e roubavam a seu belo prazer! O tal meu amo entendia que cada botina que comprava, e que calçava, era uma mulher que condenava ao matadouro dos seus desejos! E a tal minha ama procedia do mesmo modo quanto ao xales que a cobria; dizia *(pegando,* e *pondo um xale:)* isto é masculino, está portanto relacionado com um homem; é novo; e por isso, assim como eu me cubro com ele, também há de me cobrir esta noite um bom moço! E assim é que não havia Pai, nem filho; Mãe ou filha que pudesse, nem por cinco minutos, ter descanso e tranquilidade em suas habitações!

MALHERBE - *(entrando de bengala)* Ah! ainda estás aqui! Toma! *(Dá-lhe com* a *bengala até que sai disparando por uma das portas, gritando:)* Não quero mais servi-lo! Não quero! Não quero! já disse.

CENA QUINTA

(A moça [Mildona] sai do quarto; e entra apressadamente na sala; para o amigo:)

Que é isto, que é isto, Sr.? Que é isto...! Entrou aqui algum ladrão! Algum assassino! O Sr., de bengala, gritando e dando pancada!

MALHERBE (*muito terno*) Não é cousa alguma, menina; foi apenas uma lição que quis dar a este mariola, que tem o título de meu criado: quis fazer-se de amo! Agora porém que já lecionei, podemos gozar tranquilos de uma existência feliz! *(Dão dois ou três passeios pela*

sala, e sentam-se em um sofá; conversam sobre várias cousas; ouvem bater; levanta-se a moça; vai à porta, e foge espavorida; entra assim para um dos quartos. Levanta-se ele cheio de espanto; chega também à porta, dá um grito de dor, diz:) São eles! São eles! São eles! *(Cai desfalecido, e assim termina o segundo ato. Milhares de luzes descem e ocupam o espaço do cenário.)*

ATO QUARTO

CENA PRIMEIRA

Tudo corre; tudo grita (mulher; filhos; marido; criado, que por um dia foi amo do amo). Incêndio! Incêndio! Incêndio! Venham bombas! Venha água! (É um labirinto, que ninguém se entende, mas o fogo, a fumaça que se observa, não passa, ou o incêndio não real, mas aparente).
Pegam em barris d'água, em canecas e outros vasos; e *todos atiram água para o ar; chega uma bomba pequena,* e *com ela também atiram água, por espaço de alguns minutos; mas o incêndio parece lavrar com mais força até que se extingue ou desapa*rece.

MALHERBE - *(depois de todos tranquilos)* Sempre *a* desordem nas casas sem ordem! Sempre as perdas; os desgostos; os incômodos de todas as espécies! Santo Deus! por que não crucificais aqueles que desrespeitam vossos santos preceitos!? Mas, que digo? Se continuo, estas mulheres são capazes de pendurar-me naquela travessa, e aqui deixarem-me exposto, por não querer acompanhá-las em seus modos de pensar e de julgar! O melhor é retirar-me! Vou descansar por alguns minutos. *(Sai.)*

CENA SEGUNDA

ELAS - *(umas para as outras)* Preparemo-nos para pregar um susto neste mariola! Já que ele não quer obedecer aos nossos chamados espirituais, e aos das outras mulheres; já que é preguiçoso, vaidoso, ou orgulhoso; ao menos preguemos-lhe um susto!

TODAS - Apoiado! Apoiadíssimo! Ou ele há de ser obediente às Leis, ou havemos de enforcá-lo, ainda que seja *só* por alguns momentos e divertimento! Deixemos ele vir. *(Preparam uma corda; e tudo o mais que as pode auxiliar para tal fim; conversam sobre os resultados* e *consequências de sua empresa, e o que farão depois; entretanto entra* o *criado com ele em figura forte de papelão, abraçado para poder acompanhá-lo; e é esta a 3.ª Cena.). Cumprimentam-se todos muito alegremente;* e *conversam.*

UMA DELAS - *(para o criado)* Ora muito bem! Já se vê quanto é bom viver conforme as relações naturais. Eu gosto de mingau de araruta ou de sagu, por exemplo - como; e porque está relacionado com certo jovem a quem amo; ele aqui me aparece, e eu o gozo!

Já se vê pois que, vivendo conforme elas, é em duplicata!

OUTRA - É verdade, mana; eu, como a comida de que mais gosto é coco; e porque este se relaciona com certo amigo de meu Pai, ele aqui também virá, e o meu prazer não será só de paladar, mas também aquele que provém do amar!

OUTRA - Pois eu, como o que mais aprecio é chocolate, bebê-lo-ei, bebê-lo-ei; e por idênticas razões gozarei dele e de quem não quero dizer! Mas o diabo é que assim ficam sem cousa alguma!

MARIPOSA - Pois eu, como gosto muito do meu criado, e ele é mel de abelha, já se sabe o que eu de hoje em diante hei de sempre comer ou beber! *(Para o marido de papelão:)* E o Sr., Sr. Tralhão, que não quis acompanhar-nos nas relações naturais, importando-se sempre com direitos; não vendo que o próprio direito autoriza, dizendo que cada um pode viver como quiser e com quem quiser; há de ficar aqui pendurado para eterna glória das mulheres, e exemplo final dos homens malcriados! Contamos *(para o criado)* com teu auxílio.

INESPERTO - Não precisamos ter trabalho, porque ele está dormindo, com certa flor que lhe dei a cheirar!

ELAS - Oh! então melhor! Venham as cordas! *(Para o* criado:) Vê uma escada; trepa lá; sobe naquela trave; leva esta corda, que nós cá o amarremos pelo pescoço, e depois tu o sungas.

INESPERTO - Sim; mas como diabo há de ser! Ah! é preciso a Sra. pegar nele para não cair.

MARIPOSA - Eu seguro!

INESPERTO - *(pega a escada, põe em lugar próprio, sobe, levando a corda,* e *depois* desce.) *(À parte:)* Estas mulheres não vêem que não se pode ainda andar com as relações naturais; que se umas querem, outras não querem; que se umas podem, outras não podem; que... enfim, são o diabo! Mas elas agora vão conhecer que eu sou homem, e que por isso mesmo hei de defender e amparar aqueles a quem elas quiserem crucificar! *(Amarra a corda ao pescoço da figura;* e *diz:)* Está bem atada! Agora vou sungá-lo! *(Sobe a escada, monta na trave,* e *puxando:)* Pesa como o diabo! Não terá dez arrobas? Mas quinze eu juro que pesa! Irra! *(Puxando.)* Irra! Arriba! Agora, agora já está seguro!

ELAS - *(umas para as outras)* Há de ficar pendurado! Ah! ah! ah! Há de, há de!*(Batem palmas.)* Que triunfo! Viva! Viva! Agora, maninha; já enforcamos este, havemos de enforcar também certo grilo; e andar com as relações à vontade dos corações!

TODAS - Apoiado! Apoiado! Enforquemos tudo quanto é autoridade que nos quer estorvar de gozar, como se estivéssemos em um paraíso terreal!

INESPERTO - *(depois de haver prendido o corpo da figura na trave)* Pois não! Não vê que meu amo havia de ser enforcado, para as Sras. fazerem quando quisessem! Boas! Lá vai bola! Relações, metralha *(Arranca um braço, atira numa delas.)*

MARCA - Ah! traidor! *(Encolhe-se.)*

INESPERTO - Lá vai um estilhaço. Toma relação! *(Atira outro braço noutra).*

JÚLIA - Bárbaro! Louco!

INESPERTO - Mais outro! *(Arranca a cabeça, ou o chapéu, e atira em outra, dizendo:)* Querem mais!? Se quiserem, venham buscar cá em cima, que eu vou juntar-me ao meu muito respeitável amo. *(Levanta-se em cima da trave,* e *sai ou desaparece.)*

ELAS - *(uma para as outras a enxugarem os olhos:)* Que tirano! Que cruel! Que bárbaro! Que assassino! De modo que assim sendo, se pode ainda hoje fazer... Cantemos todas;

1º
- Não nos meteremos
Mais com relações;
Maridos procuremos;
Pois temos corações!

2º
A nenhum mais tentaremos
Destruir seus sentimentos!
A um só nós serviremos,
P'ra não ter duros tormentos!

3º
Com nenhum nos contentarmos,
Ou a todos não querermos;
É *assim querer matar-nos,*
Pondo todos quase enfermos.

4º
Tenhamos pois juízo!
Cada qual com seu esposo!
Se não, não há paraíso!
Tudo inferno! - nenhum gozo!

5º
Para comermos;

Para bebermos,
Não precisamos
De certos dramas!

6º
De andar,
Sempre a matar,
Os corações
Com as relações!

7º
Os que só querem
(Que desesperem!)
Por relações
São veros ladrões!

8º
Basta o *trabalho,*
Certo, não falho;
Para vivermos;
E mil gozos termos.

***

Fim do 4.º ato, e da comédia escrita em 14 de maio de 1866, por José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo, em a cidade de Porto Alegre, sala n.º 21, no Beco do Rosário.

UM PARTO
COMÉDIA EM 3 ATOS

PERSONAGENS

CARIO
FLORBERTA
MELQUÍADES
GUINDASTE
GALANTE
RUIBARBO
UMA MULHER
UMA CRIADA
UMA VOZ

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

CÁRIO - (*assentado a uma mesa, provando algumas leves comidinhas*) O sábio o beija, o néscio arqueja! Por que será que isto se dá!? Eu sei: Aquele viveu em Deus, com Deus, por Deus e para Deus; este, no diabo, com o diabo, pelo diabo e para o diabo! Eu me explico. Um é observador e cumpridor da Lei que por aquele lhe foi dada, e por Nosso Senhor Jesus Cristo - acrescentada. O outro, é cruel perseguidor de seus sectários... ou daqueles que fiéis a observam, respeitam, veneram. Eis porque, repito - quando Deus fala, o sábio se ri e se cala; o néscio teme e se abala. Ou, aquele se enche de prazer; este de medo vê-se tremer! Passando porém da religião a estas cousas que agora como, não sei o que me parecem estas comidinhas. Dão-se fatos a seu respeito; uns que me encantam, outros que me admiram; alguns que me enojam, muitos que aborrecem, diversos ou vários que me repugnam, milhares que me indignam; inúmeros para os quais não há explicação nem qualificação exata, possível... Quantas cousas me falaram hoje, ora pelo sono, ora pela forma, ora pelo gosto, ora pela espécie, ora pela cor, e também pelo sabor! Vejo que (*pegando em uma estrelinha de massa*) ninguém deve comer estrelas, mas estrelas de carne ou de fogo! Como porém estas são de massa, é de crer que mal me não façam (*Come uma. Pegando em outra, tira uma dentada, e a deixa quase pelo meio; olhando para ela*:) Parece-me uma coroa! Não comerei.

Guardarei (*Põe no prato*.) Pelo gosto (*provando outra*), cheiro e sabor, dir-se-á que - envenenada está. Poremos também a um lado. Acho esta bebida (*bebendo um cálix de vinho*), com quanto espírito, assaz fraca, ou como amolecida. É cousa que também não me agrada. Não beberei mais deste liquido: veremos algum mais forte, e por isso mesmo para mim - melhor. Quê! (*pegando em outro pedacinho de massa*) Isto é imagem de um turíbulo! Não comerei. Esta, de uma naveta, (*pegando outra*) também não quero! Provarei esta fatia. (*Corta dois ou três pedacinhos, e come*.) Que tal? É sempre igual. (*Levantando-se um pouco*.) Eis a barretinha de um soldado, que ofendido ou maltratado em seus brios ou dignidade, na Vila Nova do velho Triunfo, por um seu capitão, em princípios da infausta, nefanda, prejudicial e mais que indigna revolução de 1835, teve a precisa coragem para salvar sua honra e dignidade; para dar um imitável exemplo a seus camaradas; para meter um dedo do pé no pinguelo da espingarda, encostar a boca desta no peito em frente ao coração, e disparar assim estrondoso tiro, que o transportou instantaneamente à presença do Eterno. Feliz soldado, era de um batalhão cujo título ou número não me lembro; suponho que paraense, e em o qual havia um capitão com o nome - Chaguinhas, de péssima fama - que julgo muito pouco tempo durou, bem como a maior parte desse corpo de infantaria, destruída quase toda - poucos dias depois pelos generais Neto e Canabarro. Estes corações (*pegando em um coração*) enchem-me de bênções; não os quero; estou deles assaz farto. A estes gozos preferiria a companhia, que traz alegria... (*Olhando com atenção para um sinal em uma mesa*.) Este sinal é feito por um pingo de espermacete; isto porém não é o que admiro: uma cabeça perfeita, um nariz afilado, com uma cara completa, queixo, barbas, um boné igual ao de um oficial francês ou alemão que há tempos vi, e até com um penacho - é o que realmente para mim não direi mais que admirável, mas algum tanto espantoso... Enfim, paremos com isto: são horas de dormir; vamos deitar-nos. (*Levanta-se, dá alguns passos e encosta-se a um sofá, cama, ou cadeira de balanço*.)

CENA SEGUNDA

CÁRIO - (*levantando-se*.) Estou satisfazendo o desejo, ou cumprindo o projeto que fiz de ir viajar à Europa, e de lá, cheio de ciência, voltar a derramar sobre Os meus comprovincianos, compatriotas, e mais habitantes do Império Brasileiro. Está se servindo Deus de mim para punição de uns e prêmio de outros. Não me convém, não devo escrever sobre os mortos, ou fazer nênias. Convém-me mais passear, que estar em casa; passeando, me entretenho; me divirto; e fortifico; em casa me enfraqueço, e sempre apeteço... Fora, não necessito trabalhar, mas apenas conversar: em casa não posso deixar de o fazer sem cessar... Ao homem convém

caminhar, falar, pular, dançar, palrar e o exercício de mais de um milhão de verbos acabados em ar, ar, ar, ar, etc. etc. etc. etc. Como é difícil, e tantas vezes impossível, a conciliação de interesses opostos! Sente-se uma necessidade; é-se instado por um desejo; procura-se satisfazê-lo; encontra-se uma dificuldade... Alguém geme, alguém chora, que nos dói, que nos estorva. Mas por que lamentar? Se necessário, vençamos; ou sigamos os impulsos de nossa inteligência; os conselhos de nosso coração; ou os conselhos daquela, e os impulsos deste. Façamos algum sacrifício, visto que ninguém (*é de conjecturar*) há que viva sem os fazer. É preciso fortalecermo-nos; é preciso não enfraquecermo-nos. Se eu atendesse, direi neste momento, aos desejos que tive (*depois de haver passeado e meditado algum tempo zangado*), teria escangalhado, talvez destruído ou inutilizado um baluarte, cujas forças já me não convém conservar. Se porém lhe presto muito atenção, se me penalizo de seu sofrer, do que se me representa à imaginação, terei de viver qual preso em cadeia. Enquanto pois não tenho emprego, mais que o de compositor, preciso me é buscar por toda a parte, onde houver melhor, ou mais me agradar - aquilo que me falta e de que mais careço. (*Olhando para o ar*.) O baluarte sibila! Não prestar-te-ei pois mais atenção, enquanto de longe me falar teu coração! Assim triunfou (*triunfarei eu também de ti*) um de meus amigos - de igual impertinência - só útil n'aparência! (*Pega o chapéu e sai*.)

CENA TERCEIRA

FLORBERTA - Que força tem o destino! Umas vezes cruel e destruidor como o raio ou a tempestade; em outras vezes tão benigno como o amor ou a saudade!

(*Canta*:)

Às vezes é tão cruel
O bárbaro, feroz destino,
Como horrosa tempestade,
Ou o raio destruidor

Em outras mais que fiel,
Tão amigo, tão benino,
Nos enche de flicidade,
De gratidão, e de amor.

Os malvados (*atravessando o cenário depois que pro fere cada um período*) estão

sempre condenados. Quem estará por ai se assoando, que tanto me está enjoando! A Ciência, o ouro e a água são cousas que quanto mais abundam, menos param ou mais velozes necessitam correr. Quando sinto-me menos forte, ou temos destruição, ou é morte. Quando o Estado carece para sustentar-se ou progressar - de uma parte de nossos serviços é justo que lhes prestamos, bem como que este, uma parte de seus benefícios a nós quando d'Ele carecemos. É com esta reciprocidade de atenções, de benefícios, de amparo - que os Estados e os súditos seus - conservam e prosperam. Se eu tivesse disposição de escrever sobre relações naturais, diria que ainda hoje o chá que tomei levou-me à presença de alguém, de quem ouvi a mais tremenda descompostura!... Servir-me-á, se pudermos continuar a escrever comédias, para uma bela cena de algum dos Atos; mesmo para começo, parece excelente. Não foi nada menos que o seguinte: Bati por duas vezes em uma porta, ouvi mandar a pessoa a quem buscava abrir a porta; como se demorava o criado, empurrei-a, e entrei; a pessoa era muito minha conhecida, e de baixa esfera. Quereis saber o que ouvi dela? Eis: A Sra. é muito atrevida! Teve a audácia de entrar em minha casa sem que eu fosse abrir4he a porta! Pensa que esta casa é casa de prostitutos? Está muito enganada! Retire-se; e se está louca, vá para a Caridade! Quereis saber o que lhe respondi? Eu vô-lo digo. Eis: "Não se incomode, Sr. Bem sabe que não é a primeira vez que eu venho à sua casa. Foi-me necessário cá vir hoje; desculpe portanto: se a minha presença não lhe agrada, eu me retiro. E retirei-me, sem mais cumprimentos. Fui, entretanto, opostamente, recebida por pessoas da mesma casa, que para tal não tinha dever com o maior afeto possível; notando em seus semblantes o maior desprazer pela grosseria estúpida daquele que devia-me prestar atenção. Há de entretanto servir para algum fim útil.

CENA QUARTA

Casto - (*entrando*) Que mania de mil diabos! Querem por força que eu viva amigado - sem que isso possa ser! Sim! Irra, irra! (*Sacudindo os braços*.) O diabo que satisfaça semelhante gente! Hei de mandar à olaria fazer de propósito uma mulher para com ela me ligar sem o preenchimento das formalidades religiosas... e, pobre, - não me serve! Há de ser rica, formosa, e asseada; senão, nem assim combino, me combino... ou... concubino! Tri, tri, tri... (*Faz duas ou três piroletas, tocando castanholas, e sai aos pulinhos*.)

CÁRIO - (*depois que entra*) Como se transtornam as cousas deste mundo! Quando pensaria eu que indo à casa de um médico fazer uma ligeira visita, havia de transtornar uma comédia!? Quanto é preciso ao homem que se dedica a composições intelectuais, ter regime certo ou invariável! Uma visita transtornou

uma comédia; qualquer ação obsta à conclusão do mais importante trabalho. Quão bem foi começada esta comédia, e quão mal acabada vai! Já nem posso chamar a isto mais comédia... Enfim, vereis se posso concertar minhas idéias, e prosseguir então. (*Sai*.)

ATO SEGUNDO

Quarto de estudantes

CENA PRIMEIRA

Melquíades, Guindaste, Galante e Ruibarbo.

MELQUÍADES - (*deitado*) Fiu! fiu! (*Assoviando*.) Não está: tão cedo já sairia a passeio!? Quem sabe! Talvez; pode muito bem ser. (*Torna a chamar*:) - Maria! Joana! Teresa! Antônia! Joaquina! Michatas! (*Pausa*.) Que diabo! Não aparece nenhuma das criadas. Ainda estarão dormindo. Que judias! São (*abrindo o relógio*) nove horas do dia, cinco da tarde, duas da noite, seis da madrugada, e ainda dormem! - É muito, muitíssimo grande, (*figurando com as mãos o tamanho*) grandíssimo dormir! - Manuel! Antônio! Mercúrio! Ninguém fala; está tudo em silêncio... em silêncio profundo!... Profundíssimo! Pois - Résquiés d'impace nas catacumbas do cemitério do Corpo-santo na cidade do Porto, Portugal dos portugueses - para vocês todos! Que os levem 30.000 diabos e demônios para os mais fundos infernos lá do outro mundo: pois cá nos deste ainda vocês me poderiam incomodar!

GUINDASTE - (*calçando as meias*) Há três dias que ando incomodado; ora do estômago, ora dos intestinos, ora das barrigas... ah! são duas, é plural - das pernas e da cabeça; e ainda esta noite passei uma noite horrível. Não sei que é isto! Até as águas-da-colônia que sempre me serviram de remédio para estes males, desgraçadamente hoje parece que hão produzido os efeitos contrários!...

GALANTE - Que diabo terei eu nestas cabeças (*Tirando o barrete com que havia dormido*.) Parece que tem espinhos! Ora picam-me as pernas, ora as coxas e até na cintura me importunam, ou me ferem. Safa! (*Tirando a calça*.) O que havia de ser? (*Pegando em um carrapicho e mostrando*.) Um carrapicho!... Malditas lavadeiras, que parece de propósito para o mais lanoso entretimento dos néscios fregueses - porem na roupa estes espinhos! (*Atirando-o*.) Lá vai, lavadeira de roupa, vê se o engoles pelo nariz.

RUIBARBO - (*andando*) Como as lavadeiras não te hão de fazer dessas, se tu não lhes pagas a lavagem e o engomado da roupa - como elas desejam!

GALANTE - Essa é boa! Essa é bem boa! Essa ainda é melhor!... Ainda ontem paguei seis mil e tantos réis, e dizes que eu não pago!?

RUIBARBO - Mas não é assim que elas querem!...

GALANTE - Pois de outro modo, não sei. Não o entendo. Eu sou inglês, e inglês de muito boas raças! Portanto não vivo... vivo de mistérios.

RUIBARBO - Pois és um tolo. Estuda a lavadeira, faz- lhe elogios, mostra-te a ela afeiçoado, e verás como ela te trata, te lava, te goma admiravelmente!

MELQUÍADES - (*para Galante*) Que hei de eu estudar hoje?

GALANTE - Estuda disciplina.

MELQUÍADES - Assim eu sou tolo!

RUIBARBO - Pois ainda pensas em estudos, depois de velho, com a prática dos homens, e mesmo das mulheres!?

MELQUÍADES - Que queres? Nasci mais para estudar que para vadiar!

GALANTE - És um pateta! Com as disciplinas escangalhavas tudo. Triunfavas dos amigos e dos inimigos! Sem elas, não sei como te haverás; quer com uns, quer com outros! Enfim tu lá sabes.

MELQUÍADES - Estou me resolvendo um dia a atirar com os livros ás ventas dos mestres. Com os temas às dos lentes! E finalmente, com as botas às dos criados! (*Pega nestas, atira nos companheiros e sai*.)

GUINDASTE - É bem atrevido este meu sogro!

GALANTE - (*para Guindaste*) Pois tu és casado!? Ainda agora é que sei! Pois o Melquíades já tinha filhas moças!? Ainda mais esta - estudante casado e com filhos!

GUINDASTE - Se o não sou, ainda hei de ser. Se as não tem, ainda há de ter. E por isso se ainda o não sou, em breve hei de ser, e posso portanto desde já i-lo tratando de sogro.

GALANTE - És o primeiro calculista do Mundo!

RUIBARBO - Vocês querem passar o dia de hoje em conversa!? Não querem estudar, pensar, meditar sobre o que há de extraordinário da Revolução Francesa, livro mais que todos apreciável pela grande exemplar lição que transmite à humanidade!

MELQUÍADES - (*chegando à porta do dormitório com boa porção de livras em baixo do braço esquerdo, muito apressado*.) Vamos para as aulas! São horas! Se se demoram, perdem a lição de hoje! Andem! Andem! Saiam! Venham!

(*Guindaste e Galante pegam em vários livros, dão duas voltas e saem*.)

GUINDASTE - (*arrumando a cama*) Vão indo que eu já vou!

GUINDASTE - Não te demores, que eu preciso de ti!

RUIBARBO - Sim; sim. Vão indo; eu lá irei logo! (*Saem*.) Estes meus colegas são o diabo em figura de homens, ou de rapazes! Tudo desarrumam! É preciso uma... não: paciência de Jó, ou de algum outro Santo para aturá-los! Enfim, (*depois de todo o quarto arrumado*) é preciso aturá-los! É melhor que andar com eles aos tombos, puxões ou cabeçadas. (*Pega em um livro*.) São horas, vou às minhas lições de Retórica! E logo continuarei a escrever a minha encantadora comédia - a Ilustríssima Senhora Dona Anália de Campos Leão Carolina dos Santos Beltrão Josefina Maria Leitão História das Dores Patão, ou Bulhão, etc. etc. Dizem os médicos, e confirmam os lógicos: As cousas que têm de trabalhar, apertadas, não poderão fazer tão bom serviço como - desembaraçadas; e eu o creio pia e firmemente. Exemplifiquemos com os próprios homens e seus órgãos. Suponha-se que estão a trabalhar em uma sala vinte pessoas, e que na mesma não o podem fazer livre ou desembaraçadamente mais que dez ou doze. Pergunto: seu serviço, obra, ou trabalho, sairá tão perfeito, como se trabalhassem aqueles que - bem - só o podiam fazer? É de crer que não. Outro: Temos órgãos - da vista, do ouvido, do olfato, que por certo oprimidos, ninguém dirá que - bem funcionam. Assim pois devem ser os do nosso estômago, intestinos, etc. Apertados, não poderão funcionar, transformar ou digerir os alimentos ou cousas de que nos alimentamos, com aquela facilidade com que o fazem ou devem fazer não opressos ou

desembaraçados. Se aperto os meus dedos, não posso escrever, nem com a mão cousa alguma fazer! Se porém esta está desembaraçada, com ela faço o que quero, ou o que posso. Logo - não convém a opressão; se se quer trabalho abundante e perfeito!

CENA SEGUNDA

MELQUÍADES - (*entrando, atrás Guindaste, e após este, Galante. O primeiro com muito desembaraço, e atirando com os livros com estouvamento, quer de gesto, quer de palavras*) Ó Ruibarbo, não foste hoje à lição!? És o diabo em figura de estudante! Pois sabe que eu fui, vim e estou aqui! Pus por terra todos os troianos! Foi o lado que hoje perdeu nas sabatinas o mais vergonhosamente que é possível. Nem a batalha que inutilizou Napoleão I; nem as melhores vencidas por Alexandre o Grande; nem finalmente a em que César destruiu Pompeu - se podem comparar à que hoje venci dos nossos amigos Paraguaios!

RUIBARBO - Pois eu declaro-vos que não fui à aula! E se quiserem saber o porquê, dir-vos-ei: - Primeiro, porque não quis. Segundo, porque estou ocupado com algumas lições de Medicina. Terceiro, porque vocês são pouco cuidadosos de nosso quarto, e eu não posso tolerar porcaria, desarrumação, etc. Quarto, porque...

MELQUÍADES - (*com muita desenvoltura, assentando-se em outro lugar, ou mudando de assunto*) Já sei, já sei. Tu és um estudante privilegiado. Tens até um breve do Papa. Quando te apertam fora da Igreja, entras para a Igreja, e quando te aborreces muito desta, safas-te com a maior sem-cerimônia! (*Batendo-lhe no ombro*.) És muito feliz, felicíssimo mesmo. (*Os outros: cada qual acomoda seus livros e senta-se*).

MELQUÍADES - (*pegando em um papel, em que Ruibarbo havia escrito*) Oh! este Ruibarbo, quanto mais estuda, menos aprende! Pois ele ainda suprime letras quando escreve!

RUIBARBO - Doutor! Você não vê que quando assim procedo faço um grande bem ao Estado!?

MELQUÍADES - Geral bem!?

GALANTE - São cousas do Ruibarbo! Tudo quanto ele faz diferente de outros homens, sempre protesta ser por fazer bem, ou por conveniência do Estado. Não é

mau modo de se fazer o que se quer! É uma capa maior que a de Satanás! É uma espécie de Céu que ele tem, com que costuma abrir a terra!

RUIBARBO - Eu me explico: Quando escrevo, penso, e procuro conhecer o que é necessário, e o que não é; e assim como, quando me é necessário gastar cinco, por exemplo, não gasto seis, nem duas vezes cinco; assim também quando preciso escrever palavras em que usam letras dobradas, mas em que uma delas é inútil, suprimo uma e digo: diminua-se com esta letra um inimigo do Império do Brasil! Além disso, pergunto: que mulher veste dois vestidos, um por cima do outro!? Que homem, duas calças!? Quem põe dois chapéus para cobrir uma só cabeça!? Quem usará ou que militar trará à cinta duas espadas! Eis por que também muitas vezes eu deixo de escrever certas inutilidades! Bem sei que a razão é - assim se escreve no Grego; no Latim, e em outras línguas de que tais palavras se derivam; mas vocês que querem, se eu penso ser assim mais fácil e cômodo a todos!? Finalmente, fixemos a nossa Língua; e não nos importemos com as origens!

MELQUÍADES - Enquanto passares bem assim, continua; mas logo que te deres mal, é melhor seguir a opinião geral. (*Ouve-se tocar a sineta, que convida a jantar; aos saltos; pondo as mãos na cabeça; e outras extravagâncias*.) São horas! São horas! (*Puxa Ruibarbo*.) Vamos! (*Este se deixa estar assentado. Puxa outro; convida; salta; pula; pega em um rebenque*.) Ah! vocês até para comer têm preguiça!? (*Dá uma pancada com o chicote sobre urna mesa, os outros saltam ligeiramente à porta; e saem todos*.)

RUIBARBO (*atrás*.) O Melquíades hoje está limpo, lavado, engomado, escovado, e penteado!

GALANTE - Ele triunfou dos Paraguaios! É preciso obedecê-lo!

GUINDASTE - Eu o faço para tal fim, com muito prazer!

ATO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

UMA MULHER - (*muito atenta, ouvindo alguns gemidos*) Quem gemera? Quem estará doente? Será minha avó, ou meu avô!? Sabe-o Deus; eu apenas desconfio, e nada posso afirmar! Entretanto, convém indagar. (*Aproxima-se de uma porta, escuta, e volta.*) Ah! quem há de ser? (*Arrastando*.) É a cabritinha de minha avó, tia,

e irmã, que acaba de parir três cabritos. Ei-los (*Atira-os ao cenário*.)

MELQUÍADES - (*entrando*.) Oh! que espetáculo é este! Cabritos em meu quarto de dormir! Oh! mulher, donde veio isto!?

A MULHER - Ora, de onde havia de vir! Boa pergunta! O Sr. não sabe que seus avós têm o luxo de criar cabras!? E que criando-as por força hão de parir!?

MELQUÍADES - Que têm parido, e hão de parir, sei eu muito bem! Mas o que me espanta é que a parição, parto, ou como quiserem chamar, tivesse lugar em meu quarto de dormir! É isto o que assaz me admira!

A MULHER - Não foi aqui; mas eu ouvi gemer, e cuidei que era sua avó ou seu avô; fui ver; encontrei-os; trouxe-os; e aqui estão!

MELQUÍADES - Pois bem; agora vá preparar um para a ceia.

A MULHER - (*cheia de nojo*) Eu, fazer? Deus me livre! Isto tem um cheiro... Seria preciso, para se poder comer, pôr de molho três dias em alho, cebola, vinagre e coentro.

MELQUÍADES - Pois então, (*muito zangado*) tire-me daqui estas porcarias, que já me estão causando nojo! Anda! Anda! Tira isto daqui!

UMA CRIADA - (*puxando a cabra pelos chifres*) Vem, vem, vem cá, cabritinha, cabritinha!

MELQUÍADES - Isto está demorando muito! (*Dá um pontapé na cabra, que a atira; os cabritos esforçam-se por correr, ele pega em um, e esfrega na cara da criada*.) Que tal, Sra. D. Nojenta! Cheira ou fede?

CRIADA - Nunca gostei destas graças! (*Larga a cabra e sai*.)

CENA SEGUNDA

(*Entram Ruibarbo Galante e Guindaste*)

RUIBARBO - Isto é admirável! Gatos ensopados pelo soalho derramados!

GALANTE - Ensopados! (*Reparando com muita atenção*.) Só se o foram na barriga da mãe! Oh! e não me enganei; ei-la (*Apontando para a cabra*.)

GUINDASTE - Vocês são os mais extravagantes estudantes que eu tenho conhecido. Se fôssemos de Medicina, que bom estava para desenojar, mas somos de Direito, não nos pode aproveitar! O que é mais interessante é a lembrança de que estavam ensopados, achando-se em pé, e em estado de perfeição.

RUIBARBO - Não admira! Bem perfeitos são os animais, e as aves cheias, entretanto não estão vivas.

GUINDASTE - Mas não se diz que crê que foram ensopadas.

RUIBARBO - Sim, Sr... Mas quem não poderia dizer que estivessem assados?

Galante - Ainda vocês ignoram uma cousa: Sabem o que é? É que o nosso amigo Melquíades deu esta lição à criada, que tão pacificamente e bem sempre nos serve - esfregou-lhe com um destes cabritos: cara, boca, nariz, olhos, e não sei que mais - saiu daqui tão enjoada, que não corria; qual águia; voava; ou ia qual avestruz avoada!

MELQUÍADES - Sabem o que mais?... Eu não quero estar vendo aqui estas imundícies! (*Chamando*.) Rigoleto! Rigoleto!

UMA VOZ - Não está! Peguem vocês cada uma no seu, e os ponham longe daqui!

GUINDASTE - (*para os outros*) É mesmo, isto é muito enjoativo! Nem eu posso abrir um livro com eles diante de mim. Pega no teu, Galante! Ruibarbo, leva o outro! (*Pega cada um no seu e os põe fora de cena*).

RUIBARBO - (*para os outros*) Não há remédio, senão aturá-los.

MELQUÍADES - E eu que o diga! Mas, que faremos nós aqui metidos? Não era melhor que fôssemos passear, ver as moças, e também algumas velhas? Hem? Hem? Falem, que estou desesperado! Come-me hoje este corpo; sinto nele tal coisa... certo prurido... e não sei que mais - que não posso estar parado um momento!

RUIBARBO - Cruzes! contigo, Melquíades.

MELQUÍADES - Comigo - não quero cruzes! Mas, se for algum cruzeiro, ainda poderei aceitar. Quanto a cruzes, bastam estas (*apontando para os livros*) que aqui vedes.

GALANTE - Pois eu quero tudo: cruzes, cruzeiros, cruzados, cruzinhas, cruzadas, e tudo o mais que me oferecem, e que eu posso gozar sem perder!

GUINDASTE - Sem perder, não, Galante. Sem padecer ou sofrer, sim! Por força que gozando...

GALANTE - Não sabes o que dizes: há homens que quanto mais gozam, mais ganham! Portanto, avancei uma proposição as mais das vezes verdadeira, inda que algumas vezes falível.

MELQUÍADES - Sabem o que convém - e me entretém? Passear, conversar, ver as moças. (*Pegando o chapéu*.) Os que me quiserem acompanhar, sigam-me! Vamos, vamos todos! (*Puxa um, puxa outro; nenhum quer sair; ele pega na bengala e sai.*)

GUINDASTE (*para Galante*:) Este Melquíades mudou completamente! Passou de estudante ao mais extravagante do seu século. Cruzes! Abrenúncio! Está atrevido como o diabo!

RUIBARBO - Isto é porque ele fez anos hoje! Amanhã...

GUINDASTE - Então diga-me isso! Eu logo vi.

MELQUÍADES - (*entrando, passados alguns minutos*) Já sabem, rapazes - que passeei, andei, virei, mexi, e revolvi. E que nada resolvi sobre o que buscava e o que vi! Pois é verdade, e tão certo como o Carneiro de Cão estar com os olhos abertos. (*Aponta para Galante*.) E apenas duas cousas aprendi, ou dois pensamentos colhi! Primeiro, que há dois modos de viver em sociedade; um de que só se freqüenta mulheres de certa classe, a casas de jogo, etc.; outro em que olha-se com grande indiferença para tudo isto, e até muitas vezes com repugnância e só se freqüenta casas de família, ou gente de classe mais alta, ou mais distinta! Há também esta diferença, e é que os que querem ser verdadeiros constitucionais, e não têm família, isto é - não são casados, ou sendo não vivem com suas mulheres, são forçados a freqüentar aquelas; e os que nenhum caso fazem da Constituição, e os que mais e melhor gozam! Já vêem portanto que não perdi o tempo.

GUINDASTE - (*para Galante e Ruibarbo*:) Sempre o nosso Pai dá provas de que ainda é estudante! Sempre nos traz alguma cousa... descobertas de cousas que ignorávamos colhidas de suas experiências filosóficas! E com isso faz também de Lente, pois leciona-nos.

MELQUÍADES - A outra verdade, ou o outro fato, é que muitas vezes isto provém de comermos dos hotéis, ou de mandarmos fazer as comidas em nossas próprias casas! Aquelas nos conduzem às primeiras; ordinariamente estas as mais das vezes às segundas! Contudo, há nesta regra numerosas exceções, e é também conforme são os hotéis. Notai bem que muitas vezes se observa uma verdadeira confusão. O que porém é indubitável, é que as comidas e as bebidas nos conduzem a este ou àquele trabalho, a esta ou àquela casa, a este ou àquele indivíduo, a este ou àquele negócio! Podem até conduzir-nos a um crime! Como o podem fazer, e muitas vezes o fazem, a um ato de virtude, a uma ação heróica, a uma ação vil ou indigna. (*Continuando*.) Sinto às vezes certo estreitamento no canal que conduz ao estômago. Tenho querido atribuir à falta de certo ato... Mas ao mesmo tempo lembra-me que as crianças, os velhos, as velhas, os doentes, os que viajam pelas campanhas, os que estão em guerra - não praticam tais atos, entretanto sei de muitos que padecem igual incômodo. Consequentemente devemos crer que a razão principal não é essa. Talvez provenha das qualidades dos próprios líquidos e das carnes de que nos alimentamos, e até das casas em que moramos, e mesmo das pessoas que nos servem, ou a quem mais praticamos. Meninos! quero contar-vos mais uma verdade médica por mim descoberta hoje; e é - que é sempre um mal que incomoda, sair por cima o que deve sair por baixo! Se soubésseis quanto me... que desagradável efeito me produz algumas vezes o cuspir! Se ao menos eqüivaler ao que escrevo, ou ser substituído pelos pensamentos! Mas quê! Tenho experimentado, e sempre acho desagrado. - Outra descoberta: Certa pessoa até certo tempo - não podia passar, quando comia ou bebia alguma cousa, sem procurar uma pessoa, que se parecesse com o objeto ou cousa, de que se servia; entretanto em um dia - o que havia de pensar, de que se havia de convencer: - que devia proceder de modo diametralmente oposto, isto é, que quando tomasse chá, por exemplo, não devia para isso como antes procurar pessoas que tivessem essa cor: e assim a outros preceitos! Acho porém bonito que pratiquemos, ou procedamos - se isso nos não causar algum desgosto - conforme esta nos aconselham; ainda que só espiritualmente, o que se faz de milhares de modos. Meninos! vou descansar! (*Deita-se; e enrola-se no cobertor. Para os companheiros de quarto*:) Se alguém me procurar, dizei-lhe que durmo!

RUIBARBO - Galante, que te parece o nosso Pai Melquíades!? É um homem divino! É o maior sábio do Universo! Valente como os mais valentes, ativo como o sol,

amável como a mais amável Princesa, interessante como o firmamento, bom como o melhor dos Pais.

GALANTE - Tu não te enganas, mas esqueceste acrescentar - extravagante e desenvolto, às vezes, como uma provocadora cobrinha!

GUINDASTE - E para prova de tudo isto, vejam o que ele fez hoje: saltou; pulou; dançou; fez o diabo, como estudante! Depois aconselhou, ensinou, pregou, fez-se santo, como Filósofo! Ultimamente, relampagou, iluminou como rei! E agora, como acabam de ver, atirou-se naquela cama, como um cansado estudante; ou qualquer outro ente de vida pouco séria, e bruscamente no cobertor se enrolou.

MELQUÍADES - (*levantando-se rapidamente e atirando o cobertor à cara dos companheiros e discípulos*) Nem todos os momentos podem ser agradáveis: deitei-me; procurou alguém por ventura por mim?... Estava em um tão agradável sonho... quando de repente senti um movimento em meu cérebro que assaz me contristou. Levantem-se, rapazes! Vocês são a Quinta-essência dos preguiçosos!

TODOS - (*levantando-se*) Que é isto, Melquíades!? Estás desassisado?

MELQUÍADES - Ó diabo, pois vocês que faziam assentados!? (*Gritando*.) Vamos! São horas de escola! Caminhem, saiam! Saiam! (*Os outros levantam-se, e ele os faz sair rapidamente caindo livros de uns; outros de chinelos; enfim, é uma desordem completa entre os quatro; como se um incêndio, ou alguma cobra venenosa se visse no quarto.*)

(*E assim parece dever terminar este Ato - com as seguintes palavras de Melquíades*) Se eu não espanto estes madraços - nem para o chá ganhariam hoje!

Porto Alegre, Junho 16 de 1866

MATEUS E MATEUSA

PERSONAGENS

MATEUS, VELHO DE 80 ANOS
MATEUSA, IDEM
CATARINA, FILHA
PÊDRA, FILHA E
SILVESTRA, FILHA
BARRIÔS, CRIADO

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

MATEUS (*caminhando em roda da casa; e Mateusa assentada em uma cadeira*) - Que estão fazendo as meninas, que ainda as não vi hoje?!

MATEUSA (*balançando-se*) - E o Sr. Que se importa, Sr. Velho Mateus, com as suas filhas?

MATEUS (*voltando-se para esta*) - Ora é boa esta! A Sra. sempre foi, é, e será uma (*atirando com a perna*) - não só impertinente, como atrevida!

MATEUSA - Ora, veja lá, Sr. Torto (*levantando-se*), se estamos no tempo em que o Sr. A seu belo prazer me insultava! Agora eu tenho filhos que me hão de vingar.

MATEUS (*abraçando-a*) - Não; não, minha querida Mateusa; tu bem sabes que isso não passa de impertinências dos 80. Tem paciência. Vai me aturando, que te hei de deixar minha universal herdeira (*atirando com uma perna*) do reumatismo que o demo do teu Avô torto meteu-me nesta perna! (*atirando com um braço*) das inchações que todas as primaveras arrebentam nestes braços! (*abrindo a camisa*) das chagas que tua mãe com seus lábios de vênus imprimiu-me neste peito! E finalmente (*arrancando a cabeleira*): da calvície que tu me pegaste, arrancando-me ora os cabelos brancos, ora os pretos, conforme as mulheres com quem eu falava! Se elas (*virando-se para o público*) os tinham pretos, assim que a sujeitinha podia, arrancava-me os brancos, sob o frívolo pretexto de que me namoravam! Se elas os tinham brancos, fazia-me o mesmo, sob ainda o frivolíssimo pretexto de que eu as

namorava (*batendo com as mãos, e caminhando*). E assim é; e assim é, - que calvo! calvo, calvo, calvo, calvo, calvo (*algum tanto cantando*) calvô... calvô... calvô... ô...ô...ô!...

MATEUSA (*pondo as mãos na cabeça*) - Meu Deus! Que homem mais mentiroso! Céus!

Quem diria que ainda aos 80 este judeu-errante havia de proceder como aso quinze, quando roubava frutas do Pai!

MATEUS (*com fala e voz muito rouquenha*) - Ora, Sra.! Ora, Sra.!Quem, quem lhe disse essa asneira?! (*Profere estas palavras querendo andar e quase sem poder. É este o todo do velho em todos os seus discursos*.)

MATEUSA (*empurrando-o*) - Então para que fala de mim a todas as moças que aqui vêm, Sr., chino?! Para quê, hem? Se o Sr. não fosse mais namorador que um macaco preso a um cepo, certamente não diria - que sou velha, feia e magra! Que sou doente de asma; que tenho uma perna mais curta que a outra; que... que... finalmente, que já (*voltando-se com expressão de terror*) não lhe sirvo para os seus fins de (*pondo a mão em um olho*) de... O Sr. bem sabe! (*esfregando com as costas da mão o outro* [olho] *com voz de quem chora*). Sim, se eu não fosse desde a minha mais tenra idade um espelho, tipo, ou sombra de vergonha e de acanhamento, eu diria (*virando-se para o público*): Já não quer dormir comigo! Feio! (*saindo da sala*) mau! velho! rabugento! Também não te quero mais, fedorento!

MATEUS - Mas (*voltando-se para o fundo*), e as meninas, onde estão!? Onde? Onde? (*Puxa a cabeleira*.) Pêdra! Catarina! Silvestra! (*Escuta um pouco*.) Nenhuma aparece! Cruéis! Fariam o mesmo que a Mãe!? Fugiriam de mim!? Coitado! Pobre de quem é velho! As mulheres fogem, e as filhas desaparecem!

CENA SEGUNDA

PÊDRA (*entrando*) - O que é, Papaizinho? O que é que quer? O que tem? Sucedeu-lhe alguma cousa? Não? (*Pegando-lhe no braço*.)

MATEUS (*como acordando-se de um sonho*.) - Hem? (*Esfregando os olhos*.) Hem? O que é? Que é? Chegou alguém? Eu estava, aqui estava.

PÊDRA - Que tem, meu Pai?

MATEUS (*assoando-se sem tocar no nariz, e olhando*) - Vejam o que é ser velho! Menina, menina, já que estás aqui, dá-me um lenço; anda (*pegando nos braços da filha*), anda, minha queridinha; vê um lenço para o vosso velho paizinho! Sim; sim; vai; vai; anda. (*Fazendo-a caminhar*.)

PÊDRA (*voltando-se*) - Também este meu Pai cada vez fica mais porco! Por isso é que a

minha mãe já enjoou ele tanto, que nem o pode ver! (*Saindo*.) Eu já vou buscar! Espere um minuto (*com as mãos, fazendo-o parar*), já venho, Papai! Já venho, e vou buscar-lhe um dos mais lindos (*com ar gracioso*) que encontrar em meu guarda-roupa, ouviu, Papai? Ouviu?

MATEUS - Sim, sim; já ouvi. Tu sempre foste o encanto dos meus olhos; o sonho de todos os meus momentos... (*Entra outra*.) Esta menina (*voltado para o povo*) é os encantos da imaginação desta cabeça (*batendo com as mãos, uma de cada lado da cabeça*) e objeto que ao ver, me enche (*apalpando o coração*) este coração de alegria!

CATARINA - E eu, Papai? E eu, então não mereço alguma?!

MATEUS (*voltando-se e olhando para Catarina*) - Minha querida Filha! Minha querida Catarina! (*Abraçando-a*.) És tu, oh! Quanto me apraz ver-te! Se tu soubesses, queridíssima Filha, quão grande é o prazer que banha (*inclinando-se e levando a mão ao peito*) este peito! Sim (*tornando a abraçá-la*), tu és um dos entes que fazem com que eu preze a velha existência, ainda por alguns dias! Sim sim, sim! Tu, tua sábia irmã Pêdra; e... e aquela que ainda hoje não tive a fortuna de ver, a tua mais que simpática irmã Silvestra; - são todas três os Anjos que me amparam; que me alimentam o corpo e a lama; por que, e para quem vivo; e morreria, se fosse mister!

(*Entra Silvestra, aos pulinhos, e Pêdra, fazendo passos de dança*.)

SILVESTRA - Papaizinho do meu coração! (*abraçando-o pelas pernas*.) Você é o meu tudo! Olhe, Papaizinho: eu sonhei que o Sr. queria um lenço, e corri! Tomei este que a mana Catarina lhe trazia, e lhe *truce*!

MATEUS - Quanto sou feliz! (*Pega o lenço e enxuga os olhos*.)

CATARINA (*à parte, e com expressão de dor*) - Ele disse que a outra era simpática; e de mim nem ao menos diz que sou formosa. Sempre é velho: não sabe agradar a todos!

PÊDRA - Papai! Eu não fui portadora do que me pediu, porque a Silvestra é muito velhaca, e muito ligeira! Assim que me viu com o lenço na mão, tomou-m'o, e correu para trazer-lhe primeiro que eu!

SILVESTRA - É porque eu quero (*dando com a mão na irmã*) mais bem ao Papai do que Você; aí está!

PÊDRA - Pois não! Não vê que a Sra. já pesou os graus de amor que em meu coração eu consagro a meu Pai...

SILVESTRA - Não preciso pesar! Olhe: no seu coração existe certa força ou quantidade de amor consagrado (*afagando com as mãos*) ao papaizinho! E em mim, todo o meu coração é puro amor a ele tributado!

PÊDRA - Vejam só (*com aspecto impertinente, desgostoso; rosto franzido, pondo a cabeça de um lado, etc*.) como é retórica! Não pensei que a Sra. estivesse tão adiantada! Não estudou; não se preparou hoje também em seus velhos alfarrábios de filosofia!? Se não se preparou, para outra vez prepare-se, e veja se ganha mais um afeto do papai!

CATARINA (*acomodando-as*) - Meninas! (*pegando no braço de uma e de outra*) acomodem-se; vocês parecem nenês!

MATEUS - Meus anjos (*também querendo acomodá-las*). Minhas santas; minhas virgens... não quero que briguem, porque isso me desgosta. Sabem que já sou velho e que os velhos são sempre mais sensíveis que os moços... Quero vê-las contentes; contentezinhas; ao contrário fico triste.

PÊDRA E CATARINA (*formando com as mãos pegadas umas nas outras um círculo em roda do pai*.) - Nosso Papaizinho! Não há de se desgostar; não há de chorar (*dançando*). Nós havemos de amparar o nosso querido Papai. (*Umas para as outras*:) Vamos; pulemos; dancemos; e cantemos: todos! Todos a uma só voz. (*O Pai vira-se ora para uma, ora para outra, cheio do maior contentamento: o sorriso não lhe sai dos lábios; os olhos são ternos; a face se franze de prazer; quer falar, e apenas diz*:) Meu Deus! Eu sou; eu sou tão feliz! que... Sim, sou; sou muito feliz!

(*As filhas cantam*:)

Nós somos três anjinhos;
E quatro éramos nós,
Que do céu descemos;
E o amor procuremos:

- Mataremos ao algoz
Destes dois nossos paizinhos!

Sempre fomos bem tratadas
Quer deste, quer daquela:
Não queremos que a maldade,
Para nossa felicidade,
Maltrate a ele ou a ela...
Mataremos tresloucadas!

Não somos só anjos
Que assim pensamos;
Que assim praticamos;
Também são os arcanjos!

De principados - exércitos
Temos também de virtudes!
De tronos! Não mudes,
Papai! Vivam as ordens!

- Para debelarmos facínoras!
- Para triunfarem direitos,
- As armas temos nos peitos!
- A força de milhões d'espíritos!

(*Terminado o canto, abraçarão todas o Pai, e este a elas, banhados todos na maior efusão de júbilo*.)

PÊDRA (*para o pai*) - Agora, Papai, vamos coser, bordar, fiar; fazer renda. (*Para as irmãs*:) Vamos, Meninas; a Mamãe já há de Ter a nossa tarefa pronta para nos dar trabalho!

CATARINA- Ainda é cedo; eu não ouvi dar oito horas; e o nosso trabalho sempre principia às nove.

SILVESTRA - Eu não sei o que fazer hoje: se bordar, se fiar, ou se crivar!

PÊDRA - Por bem de Deus, você nunca sabe o que há de fazer!

SILVESTRA (*olhando-a com certo ar de indiferença*) - Se te parece, minha querida Maninha, chama-me de preguiçosa!

PÊDRA - Não; isso eu não digo, porque a Sra. deu as mais deslumbrantes provas de que há de vir a ser lá... (*elevando a mão*) para o futuro uma moça das mais trabalhadoras que eu conheço! E ainda hoje disso deu segurança no jardim do quintal, em que não ficava flor que não fosse pela Sra. cultivada!

SILVESTRA - Inda bem que a Sra. sabe, e faz-me o obséquio de dizer! E se eu o não fora ainda, não era de admirar; pois não conto mais de nove a dez anos de idade.

MATEUS (*voltando-se para Silvestra*) - Pois a Sra. esteve no quintal?

SILVESTRA - Pois então, Papai; eu não havia de ir cortar, arrancar todas as ervas perniciosas, que crescendo destroem as plantas, as flores preciosas?

MATEUS (*com muita alegria, pegando a filha*) - Filha! Filha minha! Vem a meus braços! (*Abraça-a e beija-a muitas vezes*.) Fazes, minha muito amada Silvestra, o que Deus faz aos Governos! O que os bons Governos fazem aos Governados! Prendem; castigam; melhoram; ou inutilizam os maus - para que não ofendam, nem prejudiquem os bons! E vocês (*para as outras*), o que faziam, durante o tempo em que minha inteligente Silvestra procedia com tanto acerto, praticando uma tão meritória ação e digna dos maiores elogios?

PÊDRA E CATARINA (*quase ao mesmo tempo*) - Eu regava as plantas e flores, com a mais fresca e cristalina água, a fim de que crescessem e desabrochassem - perfeitas e puras! (*Isto disse Catarina*)

PÊDRA - Eu, Papai, mudava algumas e plantava outras.

MATEUS - Já vejo que todas trabalharam muito! Hei de fazer a cada uma das Sras. O mais lindo presente! (*Movendo a cabeça - inclinando- a*.) Isto é, quando eu sair à rua! Pois bem sabem que eu aqui não tenho com que lhes presentear.

PÊDRA - Eu quero... quero: o que há de ser? (*Levantando algum tanto a cabeça*.) Uma

boneca de cera, do tamanho da (*apontando*) Silvestra! E toda vestida de seda, ouviu, Papai? Com brincos, adereço... O Sr. sabe como se vestem as moças que se casam; assim é que eu quero! Não se esqueça; não se esqueça de comprar e me trazer assim. Olhe (*batendo- lhe a mão no braço*), se na loja do Pacífico não tiver, tem na do Leite, na do Rodolfo, ou do Paradeda.

SILVESTRA - Eu me contento com menos! Quero um vestido de seda, lavrada a barra, e as mangas a fio de ouro; com *blonds*, e tudo o mais que se usar, do mesmo fio, ou daquilo que for mais moderno.

MATEUS (*para Silvestra*) - Contentas-te só com isso? Não queres sapatos de seda, botinhas de veludo também bordadas de ouro, ou enfeite fino para a cabeça?

SILVESTRA - Não, Papai; basta o vestido; o mais tudo eu tenho muito bom, e em estado de poder servir com o lindo vestido que lhe peço. Sempre gostei da economia; e sempre aborreci a prodigalidade!

MATEUS - Estimo muito; é o mais fiel retrato da moral do velho Mateus! (*Para Catarina*:)E a Sra., que está tão calada! Então, não pede nada?

CATARINA - As manas já pediram tanto, que eu não sei o que lhe hei de pedir; parece que tudo há de custar tanto dinheiro, que se o Sr. não tivesse ainda há pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro, eu acreditaria - que teria de vender a cabeleira, para satisfazer tantos pedidos!

MATEUS - Não; não, menina! O que elas pedem custa pouco comparativamente aos meus e vossos rendimentos. Diga, diga: o que mais estimará que eu lhe traga, para comprar e trazer-lhe?!

CATARINA - Pois bem; em vou dizer-lhe: mas V. Mcê não se há de zangar.

MATEUS - Não; não; peça o que quiser, que eu com muito prazer lhe trago!

CATARINA - Pois então, visto que tem gosto em me fazer um presente... Até se eu não tivesse de ir a um batizado à casa da minha amiga e comadre D. Leocádia das Neves Navarro e Souto, eu não diria o que mais preciso, e quero que me dê... É um ramalhete das mais delicadas flores que se costumavam vender nas lojas das modistas francesas e alemãs.

MATEUS - E levou tanto tempo para pedir uma cousa de tão pouco valor!?

CATARINA - Não é de muito pequeno valor! O que eu quero é de uns muito mimosos, cujo preço sobe a dez ou doze mil-réis!

MATEUS - Pois então, isso é muito barato! Mas como é o que me pede, fique certa que há de ser servida, tanto mais que tem a intenção de se apresentar com ele em um baile, batizado, ou não sei que festa!

CATARINA - É quanto basta; e com ele ficarei muito contente!

MATEUSA (*entra rengueando, revirando os olhos, e fazendo mil trejeitos; as filhas que a observam dizem umas para as outras*) - Aí vem a Mamãe! - (*Quase em segredo, rapidamente*:) Olhem a Mamãe! Vamos! Vamos! Já são nove horas! (*Para o pai*:) Papai! Não se esqueça das nossas encomendas, como nós não nos esquecemos d'orar a Deus para que prolongue seus dias; e que estes sejam felizes! Até logo à hora do jantar (*e fazendo uma profunda cortesia, depois de lhes beijarem a mão, pegando nas saias dos vestidos*), que é quando poderemos ter o inexprimível prazer de passar alguns preciosos momentos em sua estimável companhia.

CENA TERCEIRA

MATEUSA (*aproximando-se às filhas*) - Vão meninas, vão fazer a sua costura! Está tudo marchando! Cada uma das Sras. Tem na sua almofada o pano, a linha, a agulha; e tudo o mais que é necessário para trabalhar até às 2 da tarde. O que é de abordar para a Pêdra, está desenhado a lápis; os picados para a Catarina, estão alinhavados; e a costura lisa, a camisa deste velho feio (*batendo no ombro do marido*) está começada. Tenham cuidado: façam tudo muito bem feitinho.

CATARINA, PÊDRA E SILVESTRA - Como sabe, somos obedientes filhas; deve por isso contar que assim havemos de fazer. (*Saem*.)

MATEUSA (*para o marido, batendo-lhe no ombro*) - Já sei que está repassado de prazer! Esteve com suas queridas filhinhas mais de duas horas! E eu lá, sofrendo as maiores saudades!

MATEUS - É verdade, minha querida Mateusa (*batendo-lhe também no ombro*), mas, antes de te dizer o que pretendia, confessa-me: Por que não quiseste tu o teu nome de batismo, que te foi posto por teus falecidos Pais?

MATEUSA - Porque achei muito feio o nome Jônatas que me puseram; e então preferi o de Mateusa, que bem casa com o teu!

MATEUS - Sempre és mulher! E não sei o que me pareces depois que ficaste velha e rabugenta!

MATEUSA (*recuando um pouco*) - És bem atrevido! De repente, e quando não esperares, hei de tomar a mais justa vingança das grosserias, das duras afrontas com que costumas insultar-me!

MATEUS (*aproximando-se e ela recuando*)

MATEUSA - Não se chegue para mim (*pondo as mãos na cintura e arregaçando os punhos*) que eu não sou mais sua! Não o quero mais! Já tenho outro com quem pretendo viver mais felizes dias!

MATEUS (*correndo a abraçá-la apressadamente*) - Minha queridinha; minha velhinha! Minha companheirinha de mais de 50 anos (*agarrando-a*), por quem és, não fujas de mim, do vosso velhinho! E as nossas queridas filhinhas! Que seriam delas, se nós nos separássemos; se tu buscasses, depois de velha e feia, outro marido, ainda que moço e bonito! Que seria de mim? Que seria de ti? Não! Não! Tu jamais me deixarás. (*Tanto se abraçam; agarram; pegam, beijam-se, que cai um por cima do outro.*) Ai! Que quase quebrei uma perna! Esta velha é o diabo! Sempre mostra que é velha e renga! (*Querem erguer-se sem poder*.) Isto é o diabo!...

MATEUSA (*levantando-se, querendo fazê-lo apressadamente e sem poder, cobrindo as pernas que, com o tombo, ficaram algum tanto descobertas*) - É isto, este velho! Pois não querem ver só a cara dele? Parece-me o diabo em figura humana! Estou tonta.. Nunca mais, nunca mais hei de aturar este carneiro velho, e já sem guampas! (*Ambos levantaram-se muito devagar; a muito custo; e sempre praguejando um contra o outro. Mateusa, fazendo menção ou dando no ar ora com uma, ora com outra mão:*) Hei de ir-me embora; hei de ir; hei de ir!

MATEUS - Não há de ir; não há de ir; não há de ir porque eu não quero que vá! Você é minha mulher; e pelas leis tanto civis como canônicas, tem obrigação de me amar e de me aturar; de comigo viver, até eu me aborrecer! (*Bate com um pé*.) Há de! Há de! Há de!

MATEUSA - Não hei de! Não hei de! Não hei de! Quem sabe se eu sou sua escrava!? É muito gracioso, e até atrevido! querer cercear a minha liberdade! E ainda me fala em Leis da Igreja e civis, como se alguém fizesse caso de papéis borrados! Quem é que se importa hoje com Leis (*atirando-lhe com o 'Código Criminal'*), Sr. banana! Bem mostra que é filho dum lavrador de Viana! Pegue lá o Código Criminal, - traste velho em que os Doutores cospem e escarram todos os dias, como se fosse uma nojenta escarradeira!

MATEUS (*espremendo-se todo, abaixa-se levanta o livro e diz à mulher*) - Obrigado pelo presente: adivinhou ser cousa de que eu muito necessitava! (*Mete-o na algibeira. À parte*:) Ao menos servirá para algumas vezes servir-me de suas folhas,

uma em cada dia que estas tripas (*pondo a mão na barriga*) me revelarem a necessidade de ir à latrina.

MATEUSA - Ah! já sabe que isso não vale cousa alguma; e principalmente para as Autoridades - para que tem dinheiro! Estimo muito; muito; e muito! (*Pega em um outro - a "Constituição do Império" e atira-lhe na cara*.)

MATEUS (*gritando*) - Ai! cuidado quando atirar, Sra. D. Mateusa! Não continuo a aceitar seus presentes, se com eles me quiser quebrar o nariz! (*Apalpa este, e diz*:) Não partiu, não quebrou, não entortou! (*E como o nariz tem parte de cera, fica com ele assaz torto. Ainda não acaba de endireitá-lo, Mateusa atira-lhe com outro de 'História Sagrada', que lhe bate numa orelha postiça, e que por isso com a pancada cai; dizendo-lhe*:) Eis o terceiro e último que lhe dou para... os fins que o Sr. quiser aplicar!

MATEUS (*ao sentir a pancada, grita*) - Ai que fiquei sem orelha! Ai! Ai! Ai! Onde cairia? (*Atirando os livros na velha e com raiva*.) Por mais que recomendasse a esta endemoninhada que não queria presentes caros, este demônio havia de quebrar-me o nariz e pôr-me fora uma orelha! Ó Mateusa do diabo! Com quê, partes desta casa sem eu ir amanhã ao baile mas quê, visitar as Pavoas!? e...

MATEUSA (*batendo o pé*) - Cachorro! Ainda me fala em pavoas, e em baile mas quê!? Traste! Ordinário! Já... rua, seu maroto!

MATEUS (*voltando-se para o público*) - Já se viu que escaler velho mais impertinente! Esperem que eu lhe boto cavernas novas! (*Procurando uma bengala*.) Achei! (*Com a bengala em punho*) Já que a Sra. não faz caso da lei escrita! falada! e jurada! há de fazer da lei cacetada! paulada! ou bengalada! (*Bate com a bengala no chão*.)

MATEUSA - Ah! dessa lei, sim, tenho medo. (*À parte*.) Mas ele não pode comigo, porque eu sou mais leve que ele; tenho melhor vista; e pulo mais. (*Pega em uma cadeira e dá-lhe com ela, dizendo*:) Ora tome lá! (*Ele apara a pancada com a bengala, encolhendo-se todo; enfia esta na cadeira; empurram para lá, empurram para cá*.)

CATARINA, PÊDRA E SILVESTRA (*aparecendo na porta dos fundos; umas para as outras*) - Vai lá! (*Empurrando. Outra*:) Vai tu apartar! (*Outra*:) Eu, não; quando eles estão assim, eu tenho medo, porque sou pequenina!

MATEUS - Ai! eu caio! Quem me acode! Perdi o queixo!

MATEUSA (*gritando e correndo*) - Ai! eu esfolei um braço, mas deixo-lhe a cadeira enfiada na cabeça! (*Quer assim fazer e fugir, mas Mateus atira-lhe a cadeira às pernas; ela tropeça e cai; ele vai acudi-la; quer correr; as filhas convidam-se a fugir; ele cai aos pés da velha*).

BARRIÔS (*o criado*) - Eis, Srs., as conseqüências funestas que aos administrados ou como tais considerados, traz o desrespeito das Autoridades aos direitos destes; e com tal proceder aos seus próprios direitos: - A descrença das mais sábias instituições, em vez de só a terem nesta ou naquela autoridade que as não cumpre, nem faz cumprir! - A luta do mais forte contra o mais fraco! Finalmente, - a destruição em vez da edificação! O regresso, em vez do progresso!

Porto Alegre, maio 12 de 1866.
Beco do Rosário, sobrado de 3 janelas, nº 21.

CERTA IDENTIDADE EM BUSCA DE OUTRA

COMÉDIA EM DOIS ATOS

PERSONAGENS

VELHO BRÁS; HOMEM SISUDO
FERRABRÁS; ESTUDANTE, FILHO ADOTIVO DESTE.
MICAELA (TAGARELA); MULHER POUCO COMEDIDA OU RESPEITÁVEL.
SATANÁS.

ATO PRIMEIRO

BRÁS - *(entrando)* Quem diabo está nesta casa!? *(Muito admirado.)* Por um dos reposteiros vi aqui a Satanás com olhos adiante e pernas atrás! Depois vi Judas Iscariotes, que andava a trotes! Por uma janela, a Micaela abrindo a boca de gamela! Mas o meu rapaz, o meu Ferrabrás; o meu contimpina, que de dia dorme, e de noite maquina! Oh! esse, nem por sombras me quer aparecer, ou eu pude ver! Bárbaros! Assassinos! Traidores! que tudo me roubam! Comem como burros; como cavalos; e depois querem que eu trabalhe para sustentá-los! Infames! Poluem a honra das famílias! Divorciam esposos para massacrá-los, e a seu gosto fruírem seus bens! Escravizam em vez de libertarem... Hei de lançar por terra tão indigno governo! Ou hão de os governantes e governados terem direitos e deveres, ou nenhum governo durará no poder mais que treze meses! A Nação, cujo espírito será como o de um só homem, - os inutilizará, a todos embrutecendo ou a cabeça fendendo! Ainda não estão satisfeitos estes entes (a que chamam Governo porque ocupam as posições oficiais) com os milhões de desgraças que têm ocasionado!? Quererão bilhões, trilhões? Assassinos, traidores de sua Pátria! Até onde chegará a vossa perversidade? E até que ponto subirá também, ou a que extensão alcançará a vingança do Supremo Arquiteto do Universo!? Tremei, malvados! A trombeta final não tardará muito a tocar a voz: - Sejam queimados e reduzidos a cinzas!

(Aparece Satanás.)

BRÁS - Infeliz! Que fazes aquí?

SATANÁS - Sou Satanás, rei dos infernos, encarregado pelos demônios para destruirmos os maus!

BRÁS - Oh! dai-me um abraço! Sois meu Irmão, meu amigo e companheiro! Estais armado?

SATANÁS - Sim. Trago as armas - do Poder e da vingança!

BRÁS - Pois sabei que eu empunho a espada da justiça; o revólver do direito e o punhal da razão! Combinam-se bem com as tuas. Triunfaremos!

SATANÁS - Sem dúvida. Com tais armas, jamais haverá poder que nos possa vencer!

BRÁS - Muito bem! Muito bem! Venha de lá outro abraço! *(Torna a abraçá-lo.)*

MICAELA - *(entrando muito apressadamente)* Oh! Vivam! Os Srs. juntos! Que bela liga há de fazer Satanás com o velho Brás! Não esperava ter o grande prazer de os encontrar tão amigos; e até abraçados! Que lindos! Modificarão suas idéias!? Sem dúvida grandes negócios políticos os hão juntado... Deus os conserve para felicidade pública e individual. *(Apontando para* o *próprio peito.)*

BRÁS - Seja bem-vinda, Sra. D. Micaela! Não sabe quanto aprecio a sua presença (à *parte:)* e ainda mais a sua ausência - cá para nós, a quem nenhum malévolo ouve. Que notícias nos traz e o que há de novo pelo seu bairro? O que nos conta finalmente?

MICAELA - Estou muito escandalizada! Sendo eu a mulher menos faladora que há, houve quem atrevesse-se à audácia de apelidar-me Tagarela: e nesta mesma casa meus ouvidos ouviram suas tão duras palavras!

BRÁS - Sinto profundamente que tão grande infortúnio pesasse tanto sobre a cabeça e o coração de minha muito prezada... Sra D. Micaela Tagarela!
.
MICAELA - E o Sr. também me insulta!? Com efeito, não o esperava!

SATANÁS - Oh! eu não sabia de tal. Prometo que há de ser vingada, que... a Sra. bem sabe! Eu não sou peco; e tenho à minha disposição a força e poder necessários para punir todos aqueles que ofendem a quem ninguém ofendeu. Tenho na minha carteira as sentenças para todas as espécies de crimes, e fique certa que ao abri-la, hei de puni-la! Isto é, hei de vingá-la!

MICAELA - Muito agradecida, Sr. Satanás! Muito obrigada; eu sou a sua menor, porém mais afetuosa criada! Quer saber a única cousa que me pesa? É que quando o Sr. defende ou castiga sempre lesa! Entretanto sou de algum modo forçada a aceitar o seu tão importante oferecimento!

BRÁS - *(chegando-se* e *apalpando os peitos de Tagarela)* Que pomos deliciosos!

MICAELA - Oh! Sr. Brás! Queira retirar-se da minha presença! O Sr. bem sabe que eu não sou dessas mulheres mundanas, para com as quais se procede de tal modo!

BRÁS - Desculpe-me, Sra. Tagarela! Pareceu-me - duas lindas laranjas; é por isso que quis tocá-los.

MICAELA Pois não continue a ter desses enganos, porque podem ter más conseqüências!

SATANÁS - Sim! Sim! *(À* parte:) Penso que são conhecidos há muito! É talvez minha presença que os está incomodando! Retiro-me portanto. *(Vai saindo; Brás o* agarra.)

BRÁS - Onde vai? Aonde vai!? Somos companheiros; e se não chega para dois ao mesmo tempo, há de chegar passada uma hora!

SATANÁS - Não! Não! Sempre tive, tenho e terei medo de mulheres. É para mim o objeto de mais perigo que o... Ah! não digo! Mas fique certo que... sim!

MICAELA - Passem bem! Passem bem, meus Srs.! *(Retirando-se com* a *frente para ambos, e entrando em um dos quartos.)*

BRÁS - *(fazendo um cumprimento,* e *seguindo-a)* Então já vai? Não acha cedo? Eu... sim; mas... Vamos juntos! *(Enfia-se pela por*ta, *atrás de Micaela.)*

SATANÁS - *(pondo as mãos)* Céus! Meu Deus! Que imoralidade! Deixar a minha presença, e a minha visita, e meterem-se em quarto... em um quarto em presença... É audácia! É atrevimento! Mas eu os hei de compor! *(Puxa a porta e fecha por fora.)* Agora hão de sair, quando eu estiver cansado - de comer, de dormir, e de viver! Já se vê pois que aí têm de morrer, se alguém os não acudir, e secos como uma varinha de... como um palito! Porque já se sabe: eu cá hei de durar pelo menos cem anos! Ou o que é mais certo - não morro mais! *(Metendo a chave na algibeira.)* Cá vai! Vou dar meu passeio, e não sei se cá voltarei mais! *(Chegando-se para perto da porta do quarto:)* minhas encomendas! Adeus, minhas venturas! Adeus! Adeus! (Sai.)

ATO SEGUNDO

BRÁS - *(batendo na porta;* fazendo *esforço para abrir; gritando)* Satanás! Satanás! Ó Diabo! trancaste-me a porta!? Judeu! Que é isto, ó Diabo! Abre-me a porta, senão te engulo! Não falas!? Querem ver que este demônio trancou-me a porta e foi-se embora!? Tirano! Deixa estar que tu me pagas. Hei de perseguir-te até os infernos!

MICAELA - Sr. Brás, não se aflija! Não se incomode! Deixa estar que tudo se há de arranjar! Olhe! Veja! Pense! Medite, e não fale!

BRÁS - *(gritando)* Como diabo não hei de falar e me incomodar, se o Satanás trancou-me a porta!? *(Para Micaela:)* Mulher, puxa dai, que eu puxo daqui! Anda, mulher dos diabos! Faz força, cutia velha! Parece-me que já não vales mais nada! Olha, e faz como eu!

MICAELA - Estou ajudando-o a bem morrer! Que mais quer!?

BRÁS - *(tanto puxa, que cai no cenário com Micaela e* a *porta. Levantando-se,* para *Micaela:)* Quase quebrei a cuia! Mas ao menos não fiquei enterrado! Que dizes? Levanta-te, não tenhas preguiça!

MICAELA - Não posso! Estou... ai! Penso que... *(esfregando uma perna)* esta perna se não está quebrada, está esfolada!

BRÁS - Pois quem te mandou cair junto comigo!? Eu não te disse que segurasse a porta!? Agora levanta-te; quer possa, quer não! *(Pegando-lhe em uma mão.)*Vá! Arriba! Arriba!

MICAELA - Ai! ai! Não posso mais!

BRÁS - *(atirando-a)* Pois vai-te com a porta, e com todos os diabos que saírem hoje dos infernos!

MICAELA - *(levantando-se com muito custo)* Ai! Além de ajudá-lo a abrir a porta, e de cair com ele, mais esta crueldade! Atira comigo... esmaga-me... *(Endireita* a *cabeleira na cabeça.)* Rasgou-me o vestido de que eu mais gostava, com seus modos brutais! Quase pôs-me nua. Que crueldade! *(Levantando-se, compõe o xale.)* Muito sofre quem ama!

FERRABRÁS - *(entrando a manejar com uma bengale, vestido muito à pelintra)*Oh! hoje, sim! O dia foi grande! Grande! Muito grande para mim! Vi a minha namorada da Rua dos Andradas! A minha amiguinha do Beco do Botabica! A minha queridinha da Travessa da Candelária! Vi, vi, vi, que mais? Ah! a minha prima do passeio noturno; e a minha tia avó *(dando uma grande gargalhada),* e em visitas aos velhos tortos, aleijados! etc. etc.

BRÁS - Oh! rapaz! Quando tomarás tu juízo!? Cada vez ficas pior! Anda para ali; anda! Toma a benção à tua mãe.

FERRABRÁS - Ora, meu pai, sempre o Sr. me está dando mães! Há três dias era uma velha de que todos têm nojo, porque lhe sai tabaco pelas fossas, mormente pelos ouvidos, pela boca, e até pelos olhos! Ontem era uma torta deste olho; aleijada desta perna *(batendo com* a bengala na *perna direita do pai.)*

BRÁS - Mais devagar com os teus exemplos, que estas pernas já são - o Sr. sabe - algum tanto velhas e cansadas!

FERRABRÁS - Senhor! Dizia eu que ontem era uma velha nestas agradabilíssimas condições, e hoje quer que eu tome a benção desta tagarela *(puxa-Lhe pelo xale e quase o tira do pescoço.)*

MICAELA - Mais prudência, Sr. Dr.! Olhe que não estou acostumada a estes insultos! Pilha-

me abatida, senão o Sr. não ousaria insultar-me, porque eu ainda teria mãos!

FERRABRÁS - Olhem; olhem que jóia!

BRÁS - *(muito* zangado) Este rapaz não toma mais caminho! Cada vez fica mais tolo, mais estonteado, e mais surdo! Vai, vai! *(empurrando-o)* Vai procurar outro pai! Eu não te quero mais por filho!

FERRABRÁS - Pois meu pai, o Sr. é que tem a culpa. Apresenta-me *(tira-lhe a cabeleira e atira-a no chão)* com esta cabeça rapada para minha mãe, como se eu fora alguma criança! Que quer que eu lhe faça!?

MICAELA - *(atirando-lhe com a cabeleira* à *cara)* Eu não o posso mais aturar, Sr. atrevido!

FERRABRÁS - Olhe que lhe dou com a bengala!

BRÁS - Acomodem-se! Senão eu lhes dou um cachação!

(Micaela avança À bengala, toma-a de Ferrabrás e *dá-lhe uma bengalada; trava-se uma peleja entre ambos; dando-lhe este com a cabeleira pelo rosto. Brás mete-se entre ambos para apartar a briga,. apanha e dá pancadas, e nesta luta termina a comedia.)*

Porto Alegre, Junho 10 de 1866.

***

(Escusado é dizer que nada devem poupar os cômicos para tornar mais interessante e agradável o gracejo.)

Note-se - podem começar a cena os três últimos, dando alguns saltos, preferindo palavras sem nexo ao discurso, mostrando a respeito de Brás algum desatinamento, e retirarem-se ao aparecer ou sentirem o rumor da vinda daquele.

HOJE SOU UM; E AMANHÃ OUTRO

PERSONAGENS

DOURADO, REI DE...
ELEUTÉRIO, SEU MINISTRO,
MATILDES, A RAINHA
FERNANDO E CARLOS, GUARDAS
EULÁLIA E TIBÚRCIA, DAMAS DO PAÇO
4 OFICIAIS
CRIADO
SOLDADO DA GUARDA IMPERIAL

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

O REI - *(para o Ministro)* Já deste as providências que te recomendei ontem sobre os indigitados para a nova conspiração que contra mim se forja!?

MINISTRO - Não me foi possível, Senhor, pôr em práticas vossas ordens.

O REI - Ludibrias das ordens de teu Rei? Não sabes que te posso punir, com uma demissão, com baixa das honras, e até com a prisão!?

MINISTRO - Se eu referir a V. M. as razões ponderosas que tive para assim proceder, estou certo, e mais que certo que V. M. não hesitará em perdoar-me essa que julga uma grave falta; mas em verdade não passa de ilusão em V. M.

O REI - Ilusão! Quando deixas de cumprir ordens minhas?

MINISTRO - Pois bem, já que V.M. o ignora, eu lhe vou cientificar das cousas, que me obrigaram a assim proceder.

O REI - Pois bem: refere-as; e muito estimarei que me convençam e persuadam de que assim devemos proceder.

MINISTRO - Primeiramente, saiba V . M. de uma grande descoberta no Império do Brasil, e que se tem espalhado por todo o mundo cristão, e mesmo não cristão! Direi mesmo por todos os entes da espécie humana!

O REI *(muito admirado)* Oh! Dizei; falai! Que descobriram - é erro!?

MINISTRO - É cousa tão simples, quanto verdadeira:

1.ª - Que os nossos corpos não são mais que os invólucros de espíritos, ora de uns, ora de outros; que o que hoje é Rei como V. M. ontem não passava de um criado, ou vassalo meu, mesmo porque senti em meu corpo o vosso espírito, e convenci-me, por esse fato, ser então eu o verdadeiro Rei, e vós o meu Ministro! Pelo procedimento do Povo, e desses a quem V. M. chama conspiradores persuadi-me do que acabo de ponderar a V.M.

2.ª - Que pelas observações filosóficas, este fato é tão verídico, que milhares de vezes vemos uma criança falar como um general; e este como uma criança. Vemos por exemplo um indivíduo colocado no cargo de presidente de uma Província; velho, carregado de serviços; com títulos, dignidades; e mesmo exercendo outros empregos de alta importância ter medo, Senhor: não poder abrir a boca diante de um homem considerado talvez pelo Povo, sem um emprego pessoal, sem mulher, talvez mesmo sem o necessário para todas as suas despesas, finalmente um corpo habitado por uma alma. Que quer dizer isto, Senhor? Que esse sobrecarregado de cargo e dignidades humanas é zero perante este protegido ou bafejado das dignas leis Divinas. Eu, pois, ontem estava tão acima de Vossa Majestade, porque sentia em mim o dever de cumprir uma missão Divina, que me era impossível cumprir ordens humanas. Podeis fazer agora o que quiserdes!

O REI - Estou pasmo - com a revelação que acabo de ouvir. Se isto se verifica, estou perdido!

MINISTRO - Não temais, Senhor... Todo o Povo vos ama, e a Nação vos estima; mas desejo que aprendais a conhecer-vos, e aos outros homens. E o que é o corpo e a alma de um ente qualquer da espécie humana: isto é, que os corpos são verdadeiramente habitaç5es daquelas almas que a Deus apraz fazer habitá-los, e que por isso mesmo todos são iguais perante Deus!

O REI - Mas quem foi no Império do Brasil o autor da descoberta, que tanto ilustra, moraliza e felicita - honrando!?

MINISTRO - Um homem, Senhor, predestinado sem dúvida pelo Onipotente para derramar esta luz divina por todos os habitantes do Globo que habitamos.

O REI - Mas quais os seus princípios, ou os de sua vida?

MINISTRO - É filho de um professor de primeiras letras; seguiu por algum tempo o comércio; estudou depois, e seguiu por alguns anos a profissão de seu Pai,

roubado-lhe pela morte, quando contava apenas de 9 a 10 anos de idade. Durante o tempo do seu magistério, empregou-se sempre no estudo da História Universal; da Geografia; da Filosofia, da Retórica - e de todas as outras ciências e artes que o podiam ilustrar. Estudou também um pouco de Francês, e do Inglês; não tendo podido estudar também - Latim, conquanto a isso desse começo, por causa de uma enfermidade que em seus princípios o assaltou. Lia constantemente as melhores produções dos Poetas mais célebres de todos os tempos; dos Oradores mais profundos; dos Filósofos mais sábios e dos Retóricos mais brilhantes ou distintos pela escolha de suas belezas, de suas figuras oratórias! Foi esta a sua vida até a idade de trinta anos.

O REI - E nessa idade o que aconteceu? Pelo que dizes reconheço que não é um homem vulgar.

MINISTRO - Nessa idade, informam-me... isto é, deixou o exercício do Magistério para começar a produzir de todos os modos; e a profetizar!

O REI - Então também foi ou é profeta!?

MINISTRO - Sim, Senhor. Tudo quanto disse que havia acontecer, tem acontecido; e se espera que acontecerá!

O REI - Como se chama esse homem!?

MINISTRO - Ainda não vos disse, Senhor, - que esse homem viveu em um retiro por espaço de um ano ou mais, onde produziu numerosos trabalhos sobre todas as ciências, compondo uma obra de mais de 400 páginas em quarto, a que denomina E... ou E... de. .. E aí acrescentam que tomou o titulo de Dr. C... s.... - por não poder usar o nome de que usava - Q... L..., ou J... J... de Q. .. L..., ao interpretar diversos tópicos do Novo Testamento de N. s. Jesus Cristo, que até aos próprios Padres ou sacerdotes pareciam contraditórios!

O REI - Estou espantado de tão importante revelação!

MINISTRO - Ainda não é tudo, Senhor: Esse homem era durante esse tempo de jejum, estudo, e oração - alimentado pelos Reis do Universo, com exceção dos de palha! A sua cabeça era como um centro, donde saíam pensamentos, que voavam às dos Reis de que se alimentava, e destes recebia outros. Era como o coração do mundo, espalhando sangue por todas as suas veias, e assim alimentando-o e fortificando-o, e refluindo quando necessário a seu centro! Assim como acontece a respeito do coração humano, e do corpo em que se acha. Assim é que tem podido levar a todo o mundo habitado sem auxílio de tipo - tudo quanto há querido!

O REI - Cada vez fico mais espantado com o que ouço de teus lábios!

MINISTRO - É verdade quanto vos refiro! Não vos minto! E ainda não é tudo: esse homem tem composto, e continua a compor, numerosas obras: Tragédias; Comédias; poesias sobre todo e qualquer assunto; finalmente, bem se pode dizer - que é um desses raros talentos que só se admiram de séculos em séculos!

O REI - Poderíamos obter um retrato desse ente a meu ver tão grande ou maior que o próprio Jesus Cristo!?

MINISTRO - Eu não possuo algum; mas pode se encomendar ao nosso Cônsul na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Sul, em que tem habitado, e creio que ainda vive.

O REI - Pois serás já quem fará essa encomenda!

MINISTRO - Aqui mesmo na presença de V . M. o farei. *(Chega-se a uma mesa, pega em uma pena e papel, e escreve:)*

"Sr. Cônsul de...

De ordem de Nosso *Monarca, tenho a determinar a V. Sa. que no primeiro correio envie a esta Corte um retrato do Dr. Q... S..., do maior tamanho, e mais perfeito que houver.*

Sendo *indiferente o preço.*

O Primeiro Ministro

DOUTOR SÁ E BRITO"

Corte de..., maio 9 de 1866.

(Fechou, depois de haver lido em voz alta; chama um criado; e manda por no correio - para seguir com toda a brevidade, recomendando.)

ATO SEGUNDO

A RAINHA E SUAS DAMAS - *(entrando)* Não é esta, Senhor *(para o Rei)* a primeira vez que sabendo haverdes querido encadear ou condenar à morte homens a quem julgo inocentes, venho perante vós impetrar o seu perdão! Chegou ao meu conhecimento que desconfiastes da fidelidade de vossos maiores e mais sábios Amigos, Henrique e Gil Gonzaga! É por estes sábios vassalos, e que tantas vezes

têm ocupado os mais importantes cargos do Estado, que vos venho pedir; é a liberdade, ou não perseguição de suas pessoas que desejo!

O REI - Bem conheço, Senhora, o interesse que tomais em tudo quanto diz respeito à minha, à vossa e à felicidade do Estado que por herança ou Vontade Divina - governo: ora com sábios conselhos; ora com vossas felizes lembranças; ora com as mais justas - vossas reflexões! Estais portanto servida, Senhora, em vosso pedido; mesmo que o não fizésseis, a conversação que acabo de ter com um dos nossas mais distintos políticos, e atualmente na primeira pasta do Governo, seria bastante para perdoar a esses, de quem tive denúncia de que conspiram contra o nosso Governo!

A RAINHA - Quanto me apraz, Senhor, ouvir de vossos lábios, doces e salutares palavras! Estou tranqüila, e volto feliz aos trabalhos em que sempre me costumo ocupar! *(Para o Ministro:)* Senhor Ministro, continuai com vossos sábios conselhos a ilustrar vosso Grande Rei, e contai sempre com a proteção de vossa assaz afetuosa Rainha! *(Sai com as Damas.)*

OS GUARDAS - *(entrando)* Senhor! Senhor! *(Fatigados* e *cheios de temor)* Aproximam-se de nossas praias alguns vasos de guerra com bandeira de uma Nação com que estamos em guerra! Houveram alguns tiros entre os de guerra Nacionais e esses que se aproximam de nossa barra: é portanto mister pôr tudo em armas para repelir a audaz invasão!

O REI - *(para o Ministro)* É preciso darem-se as mais terminantes ordens a fim de que não sofra a cidade o menor mal! Escrevei já as seguintes ordens para o General comandante da Guarnição: *(o Ministro senta-se e escreve)* De ordem de s. M. nosso Rei, determino a V. Exa. que imediatamente ponha em armas, e pronta para repelir qualquer tentativa estrangeira, toda a tropa que faz a guarnição desta cidade! Mande tocar tambores pelas ruas para que se reúna não só toda a Guarda Nacional ativa, como também a reserva, dividida toda a tropa em colunas por todo o litoral da cidade, principalmente por suas praias mais vulneráveis, ou despidas de Fortalezas! *(O Rei entrega o ofício a um, sai acompanhado de Guardas e volta imediatamente.)*

O MINISTRO - *(para outro)* Parte imediatamente *(depois de haver feito outro ofício),* leva este à Fortaleza da Laje; dizei ao respectivo Comandante que igual resolução comuniquei a todos os outros comandantes! *(Sai o Guarda. [O Ministro] para o Rei:)* Peço licença a Vossa Majestade para ir em pessoa dar as mais providências que em tão melindrosas circunstâncias são necessárias.

O REI - Vai, e não te demores a vir dar-me parte do que ocorre; pois se for

necessário, quero ir eu mesmo em pessoa, com a minha presença, animar as tropas; exortar o Povo; e fazer, como me cumpre, quanto em mim cabe em proveito dele, e da Nação! *(O Ministro parte.)*

O REI - *(passeando)* Por mais saber que se tenha; por mais previdente que seja um monarca; por mais benefícios que derrame sobre seus Povos, e mesmo sobre os estrangeiros, com sua ciência, e com seu exemplo; sempre lhe sobrevém males inevitáveis, que o dever, e a honra, e a dignidade obrigam a repelir! E às vezes com que dureza ele é obrigado a fazê-lo! Com que dor em seu coração Ele prevê os numerosos cadáveres juncando os campos da batalha! Céus! eu estremeço, quando vejo diante de meus olhos o horrível espetáculo de um açougue de homens! E se fossem só estes os que perecem; mas quantas famílias desoladas! Quantas viúvas sem marido! Quantas filhas sem Pai; quanta orfandade!... Quanto pesa o Cetro na destra daquele que o empunha com os mais inocentes desejos; com as mais sãs intenções! *(Tomando um aspecto resoluto.)* Tudo isto é verdade; mas quando a Pátria periga! Quando o inimigo audaz se atreve a insultá-la; quando pode tudo gemer, se o Rei fraquear; não deve ele reflexionar sobre as conseqüências; tem uma única resolução a tomar: Ligar-se ao Povo, ao Estado ou à Nação; identificar-se com eles, como se fora um só Ente, e debelar aquele, - sem poupança de forças, dinheiro, e tudo o mais que possa concorrer para o mais completo, e glorioso triunfo! Vamos pois em pessoa dar todas as ordens, dispor tudo, e expor se for necessário este peito às balas; este coração ao ferro insultante! Guarda! prepara-me um dos melhores cavalos em que eu cinja esta espada.

O GUARDA - Pronto, Senhor. *(Sai.)*

O REI - *(veste a sua farda de General, depois de haver despido a capa com que se achava, e parte apressadamente. Ao sair, ouve um tiro de peça; desembainha a espada, dizendo:)* São eles! *(e segue.)*

A RAINHA - *(acompanhada das Damas)* Não sei que mau influxo, destino, ou planeta, acompanha, guia, e muitas vezes transtorna as mais sábias administrações do Estado! Por quão pouco tempo gozam estes daquela paz que os tranqüiliza e felicita! Daquele progresso que a todos eleva; que a todos anima; que a todos enche de bens, e de venturas! Havia ainda tão pouco tempo que a Providência divina nos havia dado o triunfo contra os inimigos internos que pretendiam debelar-nos; e quando acaba de tranqüilizar os nossos corações, envia-nos talvez a mais cruel guerra estrangeira! Enfim, como não há mal algum, que não traga algum bem, devemos contar e esperar que este, como todos os outros, nos felicitará. *(Ouvem-se numerosos tiros de peça e de fuzilaria. A Rainha, para as Damas:)* Enquanto, Damas, os nossos canhões marítimos destroem os nossos inimigos,

vamos desta janela animar as nossas tropas de terra com nossa presença, *a* fim de que se houver algum desembarque, eles conheçam que seríamos capazes de os acompanhar com uma arma em punho! *(Aproximam-se de uma janela.)*

UMA DAS DAMAS - V . M. vê? Lá se incendia um vaso inimigo! Lá caiu um mastro de uma galera!

A OUTRA - Ih!... Como a metralha varreu o convés daquela nau! Se continua assim, deste instante a duas horas, está o combate terminado, triunfando as nossas armas!

A RAINHA - Vocês vêem as tropas que estão desembarcando lá naquela ponta de península Anglicana?

AS DAMAS - Vemos; vemos! Que bicharia! Parecem corvos, ou nuvens de outros bichos! E quem sabe se as nossas ainda não viram esse desembarque!? Seria bom avisá-las! É lugar algum tanto escondido. Convém mandar saber!

A RAINHA - Dá cá o meu apito!

O CRIADO - *(dando uma espécie de trombetinha)* Eis, Senhora.

A RAINHA - *(apita; um soldado da guarda imperial ou real responde com um toque de cometa; ela torna a apitar; ele fala.)* Corre; voa onde está o Rei, e dize-Lhe que desembarcaram tropas inimigas na península! *(O Guarda parte a todo o galope. A Rainha, olhando por um Óculo, e muito atentamente:)* Ainda agora é que reparo! A fumaça não Me deixava ver bem! Os nossos vasos (dois) partem cheios de tropas para o lugar do desembarque! Numerosas lanchas os acompanham; daqui por cinco minutos, deve estar toda a tropa inimiga debelada! Embalde os traidores procuraram uma posição tão importante para destruir-nos... Serão destruídos e completamente aniquilados! Como saltam cabeças, pernas braços pelos ares! Que carnificina horrível se observa!? Como se matam; como se destroem entes humanos!

UMA DAS DAMAS - V. M. vê? Lá vem o Rei a galope! Seu cavalo vem banhado de suor; seu rosto é carmesim! Sua espada, ainda desembainhada, vem tinta de sangue! Céus! quão grande deve ser o triunfo conquistado hoje por nossas felizes armas!

O REI - *(entrando banhado em sangue e suores; para a Rainha)* Senhora, mandai-me vir outro fardamento limpo para mudar.

RAINHA - Entremos nesta câmara. *(Entram, e passados alguns minutos, ele se*

apresenta com nova farda, calças, etc.) Adeus! Volto ao combate; e juro-vos que antes de pôr-se o sol, não ficará um soldado inimigo em território nosso. *(Parte.)*

A RAINHA - Deus abençoe os nossos projetos; e proteja os nossos esforços! *(Acompanha-o até* à *porta; voltam à cena [a Rainha e as Damas)).*

UMA DAS DAMAS - São horas, minha Senhora e Rainha, de tomar os alimentos de costume com que reparais as forças que gastais em minha, e em utilidade de todos os vossos criados.

A OUTRA - Sim; até se não fora hoje um dia tão extraordinário, por certo teríamos faltado a um dos nossos mais importantes deveres. Pois o relógio marcou já uma hora da tarde; e o que agora oferecemos, devia ter sido apresentado a V. M. ao meio dia!

A RAINHA - Eu não trato, nem tenho disposição, ainda, disso; vamos. *(Saem.)*

ATO TERCEIRO

O REI - *(distribuindo prêmios aos numerosos guerreiros que o auxiliaram no triunfo dos combates; conversando ora com um, ora com outro)* Eis, Senhores, a recompensa daqueles, que sabem cumprir bem seus deveres, defendendo os interesses da Pátria, e com eles suas próprias fortunas. Estes recebem o saboroso prêmio de suas fadigas; a recompensa de seus trabalhos. Assim como os usurpadores recebem a morte, e tudo o mais que os pode inutilizar e destruir, quando tentam roubar, matar, ou de qualquer outro modo apossar-se, e fruir os bens que só a outrem pertencem, que só a outrem é permitido gozar! *(Pegando uma medalha, e pendurando ao peito de um oficial-general:)* Eis como revelarei ao Mundo a tua coragem e valentia. *(Pondo outra em outro:)* Eis com que despertarei no espírito de vossos concidadãos, a lembrança de milhares de cadáveres, com que a meu lado fizestes juncar o campo da batalha. *(Pondo em outro:)* Eis a prova mais evidente de meu amor por aqueles que me auxiliam no mais importante cargo que se pode exer*cer* sobre a Terra o de governar os Povos, bem como do reconhecimento de vossos ra*ros* merecimentos! *(Para outro:)* É quanto basta para que o Mundo vos olhe com respeito; vossos Irmãos de armas com prazer, se não com emulação. *(Pegando em umas caixinhas:)* As gratificações que dentro encontrardes *(dando a um dos oficiais)* deveis cada um de vós entregar aos oficiais superiores e subalternos, que debaixo do meu e do vosso comando praticaram atos da maior bravura e valor. Para os soldados, outras distinções serão feitas, que atestam por toda a sua vida seus meritórios serviços; a recompensa da Pátria; e o afeto e gratidão do Rei! Transmiti-lhe entretanto este apertado abraço que a todos vós dou. *(Abraça os quatro oficiais.)*

ELES - *(beijando a mão)* Gratos e reconhecidos aos altos, nobres e elevados sentimentos de Vossa Majestade, protestamos perante Vós, Deus e as Leis, *(arrancando um pouco as espadas)* desembainharmos... *(arrancando todas)* estas espadas e com elas - defender-vos e a Nossa mais que todas virtuosa Rainha, fazendo cair cadáveres quantos se lhe opuserem; ou cairmos por terra banhados em nosso próprio sangue. *(Fazem profunda* reverência, *e saem.)*

A RAINHA - *(e um pouco depois as Damas, entrando apressadamente e atirando-se nos braços do Rei)* Meu querido esposo, quanto me fizeste pensar sobre a tua existência, sobre o teu futuro! Sobre a paz e felicidade do nosso Reino! *(Desprendendo-se mui devagar de seus braços:)* Sim, caro amigo! Quando milhares de feras tentavam lançar-nos talvez fora de nossos territórios deles se apossarem, destruir nossos bens, aniquilar nossa Pátria e fazerem destarte a desgraça geral não era para menos que para sentir-se o maior receio por tantos males de que nos achávamos ameaçados. Felizmente houve um triunfo completo. Os mares repletos de cabeças, de corpos que boiavam dos nossos inimigos, como se uma peste houvesse destruído a vida de milhares de peixes, como algumas vezes havemos observado. Na península em que tentaram um desembarque, eram tantos que bem se podia dizer que era um matadouro público de carneiros para alimentar uma grande cidade. Felizmente, viveremos, continuaremos a viver tranqüilos e felizes!

O REI - É tudo isso verdade minha muito querida esposa. Agora. porém, só nos cumpre continuar a velar sobre quanto diz respeito aos interesses públicos d'outra ordem. Eu continuarei a pensar; a meditar; a estudar; a cogitar quanto possa fazer a felicidade dos homens. Tu que és mulher, de igual modo procederás a respeito das de teu sexo. Combinaremos depois, e todos os dias por duas horas pelo menos de cada um, sobre tais assuntos; o que for julgado melhor, isso se porá em prática.

A RAINHA - Com muito prazer vos acompanharei em vosso modo de pensar e futura disposição. São horas de descanso, não quereis acompanhar-me?

O REI - Tenho ainda alguma cousa a fazer nesta sala. Não estou bem certo do que é; porém sei que me falta não sei o quê.

A RAINHA - Vede o que é; e se eu vos posso auxiliar.

O REI - Não me recordo; iremos portanto dar um passeio ao jardim, e depois se me lembrar voltarei. Ah! agora me lembro: é o rascunho da participação que cumpre fazer a todos os governadores que nos auxiliam em nosso importante Governo. (Senta-se; *pega a pena, e escreve:)* "Meus muito amados súditos e Governadores das diversas Províncias do meu importante Reino! Participo-vos, e sabei que quase inesperadamente fui surpreendido por numerosos traidores, ladrões e assassinos,

mas que em um dia, hoje cercado dos meus generais e dos mais valentes, denodados soldados, obtive o mais completo triunfo sobre eles. É sempre a Providência Divina que auxilia nossas Armas e que, se por alguns momentos, como para experimentar a nossa crença, nos envia alguns flagelos, estes desaparecem logo, como as sombras da noite aos raios da loura Aurora. Publicai este fato glorioso de nossos concidadãos; de nossa fé; de nossa religião;. de nossa moral; e de nossa valentia. E conservai-vos, como sempre, no desempenho tão honroso, quão importante do Governo que vos conferiu O vosso Rei Q... s, - m. - Palácio das Mercês, Abril 9 de 1866."

O REI E A RAINHA - *(para o publico)* Sempre a Lei, a Razão e a Justiça triunfam da perfídia, da traição e da maldade!

Desce o pano, e termina o 3.º ato, e com ele a comédia.

***

Produzido em 15 de Maio de 1866, por José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo, no beco do Rosário, em Porto Alegre, sobrado por cima do número 21.

UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL

PERSONAGENS

CREDOR
PORTEIRO
UM MAJOR
UM CONTÍNUO
EMPREGADOS DA REPARTIÇÃO
OUTROS: CREDOR
LEOPOLDINO, *CONTADOR*
CHEFE DE SEÇÃO
SR. BARBOSA

ATO PRIMEIRO

UM CREDOR - (*entrando em uma repartição pública; para o Porteiro*) - Está o Sr. Inspetor?

PORTEIRO - Está; mas não se lhe pode agora falar.

CREDOR - Por quê?

PORTEIRO - Está muito ocupado!

CREDOR - Em quê?

PORTEIRO - Tem gente aí com ele.

CREDOR - Quem é?

PORTEIRO - Um Major!

CREDOR - Demorar-se-á muito?

PORTEIRO - Ignoro.

CREDOR - Pois diga-lhe que lhe quero falar!

PORTEIRO - Não posso ir lá agora.

CREDOR - Quantas horas estarei eu aqui à espera que o Sr. Major saia para que eu entre! *(Passeia). (O MAJOR, saindo e encontrando-se com o Credor.)*

CREDOR *(para o MAJOR)* - Oh! O Sr. por aqui! Julgava-o quem sabe onde! Disseram-me que tinha ido para Rio Pardo há dias!

MAJOR - Tenho tido aqui numerosos afazeres, por isso não sei quando irei.

CREDOR - Fique certo que sinto o mais vivo prazer em vê-lo no gozo da mais perfeita saúde.

MAJOR - Onde é aqui a tesouraria?

CREDOR - Na Tesouraria estamos; mas o Tesoureiro está lá embaixo.

PORTEIRO - Lá, não; lá está o pagador!

CREDOR - Ah! Então é cá em cima; porém nos fundos; creio que na última sala.

MAJOR - Então para lá vou. (*Segue.)*

CREDOR - Agora entro eu. (*Dirigindo-se à repartição.)*

PORTEIRO - Está lá o Sr. Leopoldino Contador!

CREDOR – É célebre! Então vou à seção respectiva saber se foi informado o meu requerimento! (*Caminha, e entra.)*

PORTEIRO - Que diabo de homem este! Tem vindo mais de um cento de vezes à repartição... se há de...

CONTÍNUO - Faz ele muito bem vir cá ! Deve-se lhe, por que não se lhe há de pagar?

CONTÍNUO - Homem; isso é verdade! Qual a razão por que esta repartição há de paliar meses e anos!?

PORTEIRO - Custa a crer a retardação de pagamento ou a preguinha, segundo dizem alguns empregados!

CONTÍNUO - O caso é que ele tem procedido sempre com a maior prudência!

PORTEIRO - Isso é verdade. Mas quantos terão sofrido pela falta de cumprimento de deveres de alguns funcionários públicos?

CONTÍNUO - Ë verdade! Tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse impossível.

PORTEIRO - Mas tu sabes o que os empregados querem? Talvez não saibas. Pois eu te digo:

1º - Acabar com a Monarquia Constitucional e Representativa!

2º - Pôr termo às repartições públicas; isto é, acabarem com todas estas imposturas!

3º - Mudar a forma de governo para República.

4º - Fazerem uma liga entre todos que...

CONTÍNUO - (*pondo as mãos na cabeça e puxando as orelhas)* - Estás louco! Homem! D'onde vieram-te esses pensamentos!? Se não mudas de modo de pensar, vais parar à Caridade.

PORTEIRO - Ah! Tu não ouves! És surdo! Não vês. Tens olhos e não enxergas! Ouvidos, e não ouves! Só falas! Tu verás a revolução que em breve se há de operar! Olha; eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada; vai aos cofres, papéis. e rouba quanto neles se acha. Acende um facho, e laça fogo em tudo quanto é papéis.

CONTÍNUO - (*a correr)* - Ih! Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas! A voz do canhão troar. Deus meu! Acudi-me! Ai! Que eu morro! (*Cai sentado.)* Ai! Ai! Estou cansado! Fadigado! Quase... Meu Deus! Quantas mortes vos aprazerá ainda fazer!? Quando vos compadecereis de vossos entes ainda que maus!? Quando se aplacará a vossa ira!? Quando se saciará a vossa vingança! Céus! Que vejo! (*Como amparado com as mãos; pondo o corpo de lado; ao ouvir o som da trovoada que em cima se faz.) Ah!...*

PORTEIRO - (*querendo acudi-lo*) - Não é nada, companheiro e amigo! São os primeiros preparativos para a estralada que logo mais terá de ver e ouvir. Tranqüiliza o teu coração. Ainda não desceram raios, fogo, e tudo o mais que se há

preparando para grande revolução! Começará de cima; e descerá à terra, como a saraiva em certos dias chuvosos. (*Ouve-se nova trovoada; relâmpagos.)*

CONTÍNUO - (m*elhorando pouco; e levantado-se)* - Acho-me um pouco mais animado? Parece-me que isto não é comigo. Que dizes? Hem? (*batendo no ombro do porteiro.)* Que diabo, pois eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito pusilânime.

PORTEIRO - Tu sempre foste um poltrão. De tudo te assustas; de tudo tens medo! Diabo! (*Empurra-o)* Toma juízo! Deixa-te de...

CONTÍNUO - Ora, ora! E não entendo o que é ter juízo, pelo que vejo, e pelo que ouço. Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu, e da minha família. Não ofendo a pessoa alguma! Sucede-me isto! Dizei-me: - O que é ter juízo?

PORTEIRO - Ter juízo é cometer... e... ai! ai! (*pondo as mãos no rosto)* que também estou ficando doente!

CREDOR (*voltando)* - Ainda hoje não recebo dinheiro! Prometeu-me um Empregado, e a mais um indivíduo que espera... Como de... (*Sai*.) Veremos se se pode receber segunda-feira!

UM DOS EMPREGADOS - Por que razão não se há de pagar a este homem!?

OUTRO - Eu sei disso!?

CREDOR *(voltando)* - Não tenho melhor resolução a tomar, que a de sentar-me em uma das cadeiras desta repartição e nela esperar até que se me pague.

CERTO INDIVÍDUO - Então, por quê?

CREDOR - Ora, porque!? Porque não dou um passo que não encontre um,que não me peça o aluguel da casa. Outro, que não me peça... que não me fale!...

O INDIVÍDUO - Tudo isso é bom!

CREDOR - É; é; para certos indivíduos; para mim é péssimo! Nunca gostei de ser atacado em casa, quanto mais pelas ruas da cidade! Todos os que compelem a honra, ou aos que desejam viver com seriedade, - a essas cenas, - deveriam em minha opinião ficar condenados a idênticos; ou a outros procederes piores, contrários à sua vontade, ou desejos.

O INDIVÍDUO (*com a mão querendo fazer uma cruz)* - Resquié d'impace! Resquié d'impassere; Amem! Amem! N'amem! N'amem*! (*Saindo). E vou m'embora *(Sai)*

ATO SEGUNDO

Salão em que trabalham diversas seções

CREDOR (*entrando)* - É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*À parte:)* Mas eles hão de se arranjar! (*A um dos* empregados*, o Contador:)*Vossa Senhoria faz-me o obséquio de dizer se está despachando o conteúdo, ou quer que seja, quando a um requerimento que aqui tenho?

CONTADOR - Será... (*lendo)* Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

CREDOR - Não! É um requerimento meu, assinado - José Joaqim de Qampos Leão, Qorpo-Santo.

CONTADOR - Ah! Esse está no chefe da quarta seção.

CREDOR - Bem, então lá irei.(*Dirigindo-se ao chefe:)* Faz-me o obséquio de dizer se já está despachado um requerimento que aqui tenho?

CHEFE (*apontado)* - Fale ali com o Sr. Barbosa.

CREDO*R (dirigindo-se a este)* - Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

BARBOSA - Ainda não! Há aqui tantos papéis!

CREDOR - Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da Presidência, ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente? Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? (*Senta-se.)*

CHEFE - V. Exa. Não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir o que quer; deixe estar que está se trabalhando!

CREDOR - Eu, nem venho interromper, nem venho adiantar! Mas apenas saber! Parece-me cousa tão simples; tão fácil...

BARBOSA - São três ofícios da Presidência que o Sr. Inspetor quer ver! Não é um só.

CREDOR - Srs., eu já sei o que hei de fazer, o que os Srs. querem! Voltarei em tempo! *(Ao sair, encontra-se com outro.)*

O OUTRO - Então, não!? (*Dá-lhe uma caixa de fósforos.)*

CREDOR - Estou doente; e assim fico todas as vezes que venho a esta casa, e dela saio sem dinheiro!

O OUTRO - Então fico eu pelo Sr.! *(O Credor sai; e o Outro entra.)*

O OUTRO - Muito custa esta casa pagar a quem deve! Faz-se uma dúzia de requerimentos para se obter um despacho! Cada requerimento leva outra dúzia de informações! O despacho definitivo obtém-se por milagre! E a paga ou dinheiro que a alguém se deve - quase à força, ou pela força!

UM DOS EMPREGADOS - (*para esse Indivíduo)* - Com efeito! O Sr. é audaz de mais!

O OUTRO - Não! Não é por audácia! É apenas referir o que se passa... o que é verídico!

EMPREGADO - Sim; mas nós não temos culpa!

O OUTRO- Nem eu inculpo a alguém! Mas receio, Srs., que os numerosos incômodos que tenho sofrimento, pelo procedimento que esta repartição para comigo - vai tendo; os vexames; as faltas; as privações; e até as enfermidades que tem me causado e numerosos outros transtornos, farão de repente com que se espalhe fogo nestes papéis - e tudo se incendie (*Toca uma caixa de fósforos numa mesa; esta incendeia-se; ele a atira para as mesas de um dos lados; faz o mesmo à outra, e atira para outro lado; enquanto os empregados trabalham para apagar o fogo em alguns papéis que começam a incendiar-se, ele sai.)*

(Já se vê que há descompostura; repreensões; atropelamento, carreiras em busca d' água; ligeireza para se apagar; aparecimento de alguns outros empregados, ao ouvirem o grito de fogo, etc.

Pode acabar assim; ou com a cena da entrada do Inspetor, repreendendo a todos pelo mal que cumprem seus deveres; e terminando por atirarem com livros e penas; atracações e descomposturas etc.)

Em Porto Alegre, de 26 a 27 de Maio de 1866.

UM ASSOVIO

COMÉDIA EM 3 ATOS E UM QUADRO

PERSONAGENS

FERNANDO NORONHA
GABRIEL GALDINO
ALMEIDA GARRÊ
JERÔNIMO AVIS
LUDUVICA
LUDUVINA
ESMÉRIA
ROSINHA
CORIOLANA
TRÊS TOCADORES

As cenas passam-se em Paris.

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

FERNANDO - *(passeando* e *batendo na testa)* Não sei que diabo tenho nesta cabeça! Nem S. Cosme, que é da minha particular devoção, é capaz de adivinhar o que se passa dentro deste coco! O que, porém, é verdade é que todos os dias, todas as horas faço novas preces; e todas as horas e todos os dias transgrido os deveres que em tais protestos me imponho! *(Chama.)* Gabriel, Gabriel, que diabo estás fazendo nesse fogão, em que estás pregado há mais de duas horas!? Querem ver que estás a roer os tijolos, julgando serem de goiabada! Cruzes! Cruzes! Que gastrônomo! É capaz... já estou com medo! É capaz de roer até a minha casaca velha! *(Pegando* de repente no *nariz,* tira *um pedaço; olha e grita:)* Oh! diabo! até já me roeu um pedaço do nariz, quando eu ontem dormia! Gabriel! Gabriel!

GABRIEL - Pronto! Então (de dentro) que tanto me chama!? Diabos te levem! É o amo mais impertinente que tenho visto! Cruzes! Ave-maria! Já vou, já vou! Deixe-me tomar o meu quinhão de café; e tomo, porque estou transido de frio! Estou gelo! Quer derreter-me!? Espere, espere!

FERNANDO - Diabos te levem para as profundas do maior inferno! Está este diabo a tomar café desde que amanhece, até que anoitece! Vai-te, diabo!

GABRIEL - *(aparecendo)* Ora, graças a Deus e a meu amo! - já que com o diabo cortei de todo as minhas relações. *(Apalpando* e *levantando a barriga.)* Tenho esta pança mais pequena que a de um jumento, ou de um boi lavrador! Não é nada *(caminhando para* o *lado do amo),* existe aqui... quem sabe já quanto estará! *(Rindo-se.)* Duas chaleiras de café; quatro libras de açúcar... já se sabe - do mais fino refinado. Três libras, não! Seis libras de pão de rala e duas de fina manteiga inglesa. *(Andando para uma e outra parte.)* Troleró, troró! Agora sei que sou mesmo um Manuel José Taquanão! Só me faltam as cartas, e as parceiras! *(Apalpa as algibeiras e tira um baralho.)*

FERNANDO - *(à parte)* Estou otimamente servido de criado e companheiro! Não tenho, sinto - um guindaste para lhe ir suspender a pança!

GABRIEL - *(depois de haver examinado o baralho com atenção; para o amo)*Pensei que não tinha trazido. Está ótimo! Vamos a uma primeirinha? *(Batendo no baralho.)* Hem? hem? *(Tocando-lhe no braço.)* Então? Vamos, ou não vamos!?

FERNANDO - Tu és o diabo em figura de bicho. *(Batendo-lhe na pança.)*

GABRIEL - Ai! não me fures, que eu tenho um filho de seis meses arranjado pela Sra. D. Luduvina, aquela célebre parteira que o Sr. meu amo melhor que eu conhece... visto que passou as mais apreciáveis noites com... ou... etc. etc.

FERNANDO *(batendo-lhe na boca)* - Ó diabo! não descubras esse segredo! Senão, são capazes os amigos dela de me porem na cadeia!

GABRIEL - *(à parte)* Por isso é que muitas vezes eu chupo-lhe o dinheiro, e faço d'amo! Tem segredos, que eu sei; e que ele não quer que sejam revelados!

FERNANDO - Então, Galdino! Encheste o teu pandulho desde *(bate-lhe na bunda, que é também formidável, e na barriga)* esta extremidade até esta...!

GABRIEL - Ai! ai! seu diabo! Não sabes que ainda não botei as páreas do que pari por aqui!... *(Apalpa a bunda).*

FERNANDO - E entretanto, de mim não te lembraste, judeu! Vai me buscar uma xícara, anda!

GABRIEL - Oh! pois não! *(Pulando; e dando voltas.)* O meu amo sabe dançar a chula? *(Olha para os calcanhares.)* E ainda faltam-me as esporas; senão, havia eu de fazer o papel mais interessante que se tem visto! Nem o Juca Fumaça era capaz de me ganhar em levianeza e linda graça! *(Continua a dançar a chula.)*

FERNANDO - Este diabo *(à parte ou para um lado)* não vai me buscar café! Então? Vais ou

não vais!?

OABRIEL - Ah! quer café! Já vou! *(Dá mais duas ou três voltas, e entra por uma porta, pela qual torna a vir logo depois.)*

FERNANDO - Que tal estará o café deste judeu?

GABRIEL - Eis aqui! Está melhor que o chocolate da velha Teresa lá do Caminho Novo em que não há senão velhas tabaqueiras ou espirradeiras, que na frase dos rapazes são tudo e a mesma cousa!

FERNANDO - *(pegando a xícara e levando-a aos lábios)* Fum!... Fede a rato podre! E tem gosto de macaco são! Que porcaria! Pega; pega! *(Atira-lhe com o café* à *cara.)*

GABRIEL - *(limpando-se todo)* Não precisava fazer-me beber pelos olhos! Já estava farto de derramá-lo pela cara! Agora arrumo a xícara.

FERNANDO - Quem sabe se o fétido e o gosto provêem da xícara!? Pode ser! Para não tornar a ter destes prazeres... *(atirando)* quebrarei as pernas deste pançudo! *(Atira xícara e pires às pernas do criado.)*

GABRIEL - Ó diabo! quase me quebras as pernas! Mas ficou sem o casal da xícara! O que me vale *(à parte)* é que por eu há muito já o conhecer, mandei o ano passado forrá-las de aço no ferreiro das encomendas, que mora lá por trás das vendas, na Rua das Contendas!

ATO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

LUDUVINA - *(mulher de Gabriel Galdino, velha feia* e *com presunções e ares de feiticeira)* Graças a Deus que já se pode vir a esta sala *(Olhando para o chão.)*Oh! cacos! Que barulho haveria aqui! Quem quebraria esta louça!? Querem ver que o meu marido, o Sr. barrigudo *e* bundudo, que pelas nádegas (e se espera que faça o mesmo pelo embigo) andou brigando com o amo, que é uma outra das mais raras esquisitices que se há visto sobre a Terra! Nem foi outra cousa! Deixem-nos por minha conta; hei de pôr-lhes freio e lei, e em toda a sua grei!

GABRIEL - *(entrando)* Oh! minha querida Luduvina! Levantei-me a sonhar como um sonâmbulo. Agarrei-me primeiro a uma janela, pensando que era a Sra.! Depois a uma talha, ainda com a mesma ilusão! E intimamente a uma música chamada cavatina, pensando sempre que era a Sra. D. Luduvina!

LUDUVINA - O Sr. é muito gracejador! Quem o manda dormir tanto! Por que não faz como

eu, que atiro-me do mar, ponho-me no ar!? Sabe que mais?*(Pondo o dedo em frente ao rosto dele, como ameaçando.)* Se quiser continuar a ser meu, há de, primeiro: Levantar-se de madrugada, senão à do galo primeira cantada! Segundo; banhar-se dos pés à cabeça, e esfregar-se com fino sabão inglês ou sabonete. Terceiro; alimentar-se três vezes ao dia; e de comidas simples e brandas; como por exemplo: uma xícara de chocolate para almoço com uma fatia ou alguma massa fina torrada ou não; um ou dois pedacinhos de galinha ou cousa idêntica, para o jantar, e quando muito mais (o que não julgo necessário) - um cálix de vinho superior, ou uma xícara de café, ou de chá. A noite - qualquer líquido destes como ceia. O melhor de tudo é tomar uma só bebida para almoço, e para ceia; e para o jantar também um só pratinho com um cálix de vinho, ou uma xícara de café; no primeiro caso se for com carne; no segundo se for...

GABRIEL - Agora acabe! Depois da ceia, diga: O que havemos de fazer? Em que me hei de entreter!?

LUDUVINA - De noite, depois do chá... já se sabe *(abraçando-o),* vamos para a cama dormir quentinhos! Fazer alguns... alguns filhinhos. Sabe, não? Entende o que eu lhe quero dizer? Entende; entende; o Sr. não é nenhum ignorante.

GABRIEL - Estás gaiata; gaiatissima. Pois não basta a nossa filha Esméria para nos entreter!? Ainda queres mais filhinhas!?

LUDUVINA - É porque eu sempre gostei...

GABRIEL - Mas isso era no tempo de moça; agora estamos velhos...

LUDUVINA - A mulher nunca é velha! E o homem sempre é moço.

GABRIEL - Ora explique-me Sra. Pulquéria, a sua asserção; eu não a entendo bem.

LUDUVINA - Visto que me troca o nome, eu lhe trocarei o chapéu. *(Tira o que ele tem na cabeça e põe-lhe outro mais esquisito.)* O nome que me deu, regula com o chapéu, que eu lhe ponho: e dê graças a Deus não o deixar com a calva à mostra!

GABRIEL - Já agora estarei por tudo. Casei-me de fato com a Sra.; não há remédio *(à parte)* senão aturá-la...

CENA SEGUNDA

FERNANDO - *(entrando)* Oh! que é isto? O Sr. acompanhado aqui desta dama!

GABRIEL - Pois que tem? Sim; sabe... o meu casamento... sim; o Sr. ignora! Tem razão!

FERNANDO - Pois o Sr. é casado!?

GABRIEL - E até tenho uma filha chamada Esméria.

FERNANDO - *(olhando para um lado)* E esta! O meu criado casado; e já com uma filha.

GABRIEL - Sim, Sr. Sim, Sr. E por isso mesmo far-lhe-ei em breve as minhas despedidas!

FERNANDO - Ainda mais esta! Fala-me em despedida! *(Pausa.)* E depois quem me há de servir, se me faltar este pançudo barrigudo!

ESMÉRIA - *(entrando)* Sua bênção, meu pai.

GABRIEL - Oh! bem-vinda, minha querida!

FERNANDO - Onde diabo, em que casa tinhas tu metido a mulher, e este anjo de bondade!? Tão escondidos ou bem guardados, que eu nunca pude saber que existiam!?

GABRIEL - Não me convinha; porque sei quanto o Sr. é amigo de alheias mulheres! E se a minha Esméria é um anjo de bondade, a minha Luduvina é uma santa de maldade!

FERNANDO - *(muito zangado).* Todos têm mulher. *(Puxando os cabelos.)* Isto é o diabo! É o diabo. E é o diabo. Onde irei eu buscar, achar uma que me agrade!*(De repente, para Gabriel Galdino:)* Amigo, dás-me a tua filha em casamento!?*(Pondo-lhe a mão no peito.)* Se m'a dás, hoje mesmo, meu caro, ela será minha mulher!

GABRIEL - A minha Esméria é um anjo de bondade; só se o Sr. se sujeitar a todos os preceitos que ela lhe impuser!

FERNANDO - Mas que diabos de preceitos são esses!? Pois tu não me conheces? Não sabes quanto eu sou franco e generoso; cavalheiro e...

GABRIEL - Sei; sei de tudo isso! Mas eu não quero fazê-la infeliz! O Ilmo.^{0} Sr. Dr. Fernando há de ser uma espécie, ou um verdadeiro criado fiel de minha filha; e há de declará-lo em uma folha de papel, escrita por tabelião e assinada pelo juiz competente; o dos casamentos ou dos negócios civis. Etc. etc. e etc. Com a satisfação de todas estas condições, ou seu preenchimento, a minha muito querida filha, se quiser, será sua mulher. Fora delas, ou sem elas, não falaremos, não trocaremos mais sobre tão melindroso assunto.

FERNANDO - *(à parte)* E o caso não julgado é verdade - que estou pela menina apaixonado; e que por isso mesmo não terá remédio o Sr. Fernando, senão a tudo se ir sujeitando. Assim é que servia-me o meu futuro sogro; há mais de seis meses sem que eu soubesse que era casado, e que tinha uma filha! Foi realmente um mistério. E dizem-me

que não aparecem ou não se vêem milagres no tempo presente.

ATO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

LUDUVICA - *(criada de Almeida Garrett)* Depois que este meu amo se associou ao Sr. Fernando de Noronha; que este se casou com a Sra. D. Esméria, filha de um velho criado deste; e finalmente, depois que se juntou certa camaraótica de maridos, mulheres, genros, criados ou quiabos, anda esta casa sempre assim! Ninguém os entende! Se se vai servir à Sra. D. Luduvina, eis que se ouve a voz do Sr. Fernando de Noronha, gritando - "Luduvica! Luduvica! traz-me as botas"! Se se está servindo ao Sr. Dr. Fernando, eis que me chama a Sra. D. Esméria: "- Luduvica! Luduvica! toma este recado e vai levá-lo à casa de minha prima Hermenêutica". Finalmente, se estou servindo a qualquer destes, eis que o Sr. Gabriel Galdino, criado outrora malcriado, barrigudo, pançudo, bundudo, grita: "Dá cá de lá os chinelos, que estou com os óculos na cabeça!" Enfim, é o diabo! É o diabo! Muito desejo ver-me livre desta casa, em que seis ou oito meses de serviço já me fedem! Ainda que me não queiram pagar, quando não o pensarem hão de me ver raspar! *(Entra Almeida Garrett, Gabriel Galdino e Fernando de Noronha.)*

GABRIEL GALDINO - Com todos os diabos! Estou hoje com tais disposições de avançar a corações, que se tu não fosses casada *(pondo a mão em Luduvica),* protesto que me não escaparias!

LUDUVICA - Como o Sr. está engraçado! Pensa que mesmo sendo, e que mesmo não sendo, eu havia de ceder aos seus desejos brutais, sabendo principalmente que é casado, atoleimado, foi criado e que tem filhos!? Está; está - muito e muito enganado!

FERNANDO DE NORONHA - Oh! Sr. Gabriel Galdino, isso não é cousa que se faça às escondidas de alguém. Eis porque não há criados que queiram servir-nos *(Com* força.) *Isto envergonha!* Envergonha, e faz afastar de nós todos os criados e criadas que há em toda esta cidade! É esta a décima-oitava que para aqui vem; e que não tardará a deixar-nos! Se o Sr. não mudar de comportamento, estamos todos perdidos! Teremos em breve de nos servirmos com as nossas próprias mãos!

GARRETT - Ainda será bom se nos servirmos só com as nossas mãos! Se não nos for necessário servirmo-nos com os nossos pés!

GABRIEL GALDINO Não - toleirões! Eu estava apenas brincando. Queria ver a que ponto chegava a pudicícia da nossa encantadora e amável servidora - Luduvica Antônia da Porciuncula. *(Fazendo menção de abraçá-la,. ela afasta-se um pouco como receosa.)* Não receies, minha Menina; se vos desse um abraço - seria de amizade, ou igual àqueles que os Pais dão nos filhos; as mães nas filhas; etc. etc.

FERNANDO - Luduvica, já preparaste o que te disse de manhã que queria?

LUDUVICA - Como havia de preparar, se eu não me posso voltar nem mexer-me para lado algum!? Se me volto para a direita, sou chamada da esquerda; se para a esquerda, incomodada pela direita; e finalmente pelos flancos) retaguarda e vanguarda; sempre e sempre chamada, incomodada e flagelada!

FERNANDO - Em vista disso, irei eu mesmo preparar! *(Sai muito zangado, mas pára-se na porta.)*

GARRETT - E as minhas camisas, calças e ceroulas - já aprontaste?

LUDUVICA - Não tenho tido tempo nem para coser os meus vestidos, quanto mais a sua roupa!

GARRETT - Uma criada assim, não sei para que diabo pode servir! *(Vai a sair e esbarra-se com Fernando de Noronha, que até então se acha sério e firme, como um soldado de sentinela em frente do inimigo.)*

LUDUVICA - Alto lá! Aqui ninguém passa. Ponha-se aí ao lado, e firme como um soldado. Quero ver até que ponto chega a audácia desta criada! *(Garrett perfila-se ao lado direito.)*

GABRIEL GALDINO - *(com palavras muito ternas ou açucaradas)* Então, minha queridinha? *(Aproxima-se a ela.)* Nem um beijinho me dás, nem uma boquinha, nem um abraçinho, nem ao menos um volver desses olhos estrelados!

LUDUVICA - *(sorrindo-se)* Ora, nunca pensei que o Sr. fosse tão audaz!

GABRIEL - Pois é audácia pedir-se aquilo de que se tem necessidade!?

LUDUVICA - Vá procurar a sua mulher, e com ela faça o que quiser!

GABRIEL - E se ela não quiser, o que hei de eu fazer!?

LUDUVICA - Ter paciência, e fazer-lhe continência!

GABRIEL - Então, além de me negar aquilo que me deve dar, ainda hei de ter paciência e fazer-lhe continência!?

LUDUVICA - E que remédio o Sr. terá, senão assim proceder, ou humilhar-se!? Se o não fizer, ela o ferirá; o Sr. há de morrer, ou ela se matar!

GABRIEL - Em vista disso, adeus minha queridinha; adeus! *(Vai a sair e encontra o mesmo*

obstáculo como Garrett.)

FERNANDO - *(para Gabriel Galdino)* Alto, frente! Tome a esquerda e perfile-se!*(Desembainhando a espada por detrás.)*

(Gabriel toma a esquerda e perfila-se.)

LUDUVICA - Que farão os três pandorgas *(Passeando e vigiando-os ora com o rabo de um, ora com o rabo de outro olho.)* Que esperarão eles! Pensarão mesmo que me hão de continuar amassar!? Estão bem servidos! Eu os componho; eu agora mostro-lhes *o* que é a força de uma mulher, quando esta está a tudo resolvida, ou mesmo quando apenas quer mangar com algum homem! *(Puxa, passeando, um punhal que ocultava no seio* e *conserva-o escondido na manga do vestido.)* Estes *(à parte)* meus amos são uns poltrões; eu faço daqui carreira, faço brilhar o punhal; eles, ou me hão deixar passar livremente, ou caem por terra mortos de terror; e não só por serem uns comilões, uns poltrões, também porque... não direi mas o farei! *(Volta-se repentinamente; faz brilhar o punhal; avança-se para eles, os dos lados caem cada qual para seu lado,* e *o do centro para diante; ela salta em cima deste, volta-se para o público e grita levantando o punhal:)* Eis-me pisando um homem, como um carancho a um cavalo morto! Quando a força da razão, do direito e da justiça, empregada por atos e por palavras, não for bastante para triunfar, lançai mão do punhal... e lançai por terra os vossos indignos inimigos, como fiz e vedes a estes três algozes!

(Desce o *pano, passados alguns minutos, e assim finda o terceiro Ato.)*

ENTREATO

JERÔNIMO DE AVIS - *(entrando com flauta* e *três tocadores, com vários instrumentos)* Lá vai! *(Sopra a flauta; e esta não dá mais que um assovio destemperado; sopra com mais força, sucede o mesmo, ou ainda pior. Muito ansiado, querendo desculpar--se:)* Senhores, deu o tétano na minha flauta! Desculpem; desculpem!

OS OUTROS - Qual desculpa, nem desculpa! Embaçou-nos, agora há de aprender a tocar todos os instrumentos. *(Caem-lhe em cima com eles;* ele *defende-se com a flauta; de uns e de outros;* e *assim que pode corre a safar-se. Os Outros fingem persegui-lo; ele procura escapar-se* e *não pode, dando também em uns e em outros com a flauta, dizendo-lhes:)*

JERÔNIMO DE AVIS - Paguem as lições que lhes dei ensinando-os a tocar flauta.

(Neste ato e barulho, deve pouco a pouco ir descendo o pano.)

QUADRO

Aparecem todos; cantam - e dançam mascarados; de violas, tambores, flautas, rabecas e

violões - os seguintes versinhos:

Minha Musa está vazia,
De tanto haver dado à Tia!
Minha rabeca não canta,
Nem o violão descanta!

Trai, larai; tri, lari,
Lari; trai,. larai, tri lari
Larou...

(Repete-se.)

Minha viola 'stá zangada,
Por não ter mais uma corda;
Dela a flauta discorda;
E assim - só desagrada!

Trai, larai; tri, lari,
Lari; trai,. larai, tri lari
Larou...

Minha rabeca assovia;
Com esse rouco violão,
Não faz boa harmonia:
Hei de ver melhor baixão!

Trom larom,
Larom larom larom;
Trom larom larom
Larau lau lau!...

(Repete-se.)

Meus tambores estão rotos!
Que fazer deles - não sei!
Hei de vende-los ao Rei,
Cobertos de peles d'escrotos!

Trom larom,
Larom larom larom;
Trom larom larom
Larau lau lau!...

(Repete-se.)

Minha flauta já não toca,
Mas apenas - assovia!
- Se não melhorar na pia,
- Hei de mandá-la à taboca!

Drom, larom, larom,
Larim lau lau, drom,
Larom, lari, lari, larom!

(Repete-se.)

Cantados *e* repetidos estes versos por duas ou mais vozes, dançando-se e tocando-se chóteze, cada um canta os que dizem respeito ao instrumento que toca.

- Termina *o* Quadro; e com ele a Comédia, do seguinte modo:

O FLAUTISTA - *(para os outros)* Srs.! Silêncio! O mais profundo silêncio! Vou tocar a mais agradável peça, e de minha composição, que se possa ter ouvido no planeta que habitamos! Ouçam! Ouçam! (Todos ficam silenciosos; e põem os instrumentos debaixo do braço esquerdo. O Flautista, levando a flauta à boca:)
Fi..... u.....

Porto Alegre, Junho 6 de 1866.

www.poeteiro.com